

Monitorização do Projeto Mochila Leve

Relatório do 1.º Ano

Marisa Quaresma, João Pedro da Ponte e Mónica Baptista

Maio de 2020

Relatório de monitorização do Projeto Mochila Leve no ano letivo de 2018-2019.

Índice

Introdução	2
Sumário Executivo	3
Objetivos, participantes e recursos do projeto.....	7
Metodologia	11
Perceções dos docentes	12
1 Objetivos do projeto.....	12
2 Materiais e recursos.....	16
3 Modo de trabalho em sala de aula.....	24
4 Planificação	31
5 Impacto na aprendizagem dos alunos.....	34
6 Feedback dos encarregados de educação	36
7 O papel da formação	40
8 Desenvolvimento profissional dos professores	45
9 Dificuldades sentidas e sugestões para o futuro.....	50
Conclusão.....	56
Anexo 1 Guião da entrevista aos técnicos da CMO.....	61
Anexo 2 Guião da entrevista aos professores.....	62
Anexo 3 Entrevistas realizadas	64

Introdução

O presente relatório do primeiro ano de atividade do projeto Mochila Leve apresenta a perspectiva dos professores participantes sobre os efeitos do trabalho realizado. Mais especificamente, procuramos evidenciar a perspectiva dos professores em relação ao trabalho que desenvolveram, ao impacto que este projeto teve nas suas práticas letivas, à influência que os recursos didáticos, tecnológicos e a formação disponibilizados tiveram nas suas práticas de planificação e de ensino, bem como ao modo como o projeto influenciou a aprendizagem dos seus alunos e o feedback dos pais e encarregados de educação.

Este relatório começa por descrever os objetivos, participantes e recursos do projeto, após o que indica a metodologia seguida. Apresenta então as perceções recolhidas dos docentes sobre o modo de trabalho na sala de aula, a planificação, o impacto na aprendizagem dos alunos, o feedback dos encarregados de educação, o papel da formação, o desenvolvimento profissional dos professores e as dificuldades sentidas, bem como as suas sugestões para a continuação do projeto. Nas considerações finais o relatório formula uma apreciação geral do 1.º ano do projeto, bem como diversas recomendações tendo por base as sugestões e comentários dos professores participantes.

Sumário Executivo

O projeto Mochila Leve, promovido pela Câmara Municipal de Oeiras, com início em setembro de 2018, tem como objetivos:

- Criar uma rede concelhia de docentes do 1.º ciclo do ensino básico (CEB), pertencentes a diferentes agrupamentos e escolas, que reúnam periodicamente para planificar, partilhar experiências pedagógicas e gerar uma comunidade de reflexão sobre a necessidade da utilização de diferentes ferramentas em sala de aula, entre as quais as novas tecnologias.
- Criar condições para um desenvolvimento profissional dos docentes assente no trabalho colaborativo e na utilização de recursos didáticos diversificados: materiais manipuláveis; plataformas digitais; novos materiais didáticos; criação no desenvolvimento de recursos próprios; entre outros.

O relatório do primeiro ano de atividade do projeto apresenta a perspetiva dos professores participantes sobre os efeitos do trabalho realizado. Especificamente, indica a perspetiva dos professores em relação ao trabalho que desenvolveram, ao impacto que este projeto teve nas suas práticas letivas, à influência que os recursos didáticos, tecnológicos e a formação disponibilizados tiveram nas suas práticas de planificação e de ensino, bem como ao modo como o projeto influenciou a aprendizagem dos seus alunos e o feedback dos pais e encarregados de educação.

Em termos gerais, todos os professores mostraram grande satisfação e entusiasmo com a experiência do primeiro ano considerando que o projeto foi bem-sucedido. Os docentes interpretaram o projeto como constituindo um convite para colocar em prática metodologias de trabalho inovadoras, essencialmente associadas ao trabalho de projeto, e para diversificar os recursos de trabalho com os alunos. Deste modo, os professores identificaram-se fortemente com os objetivos gerais do projeto. Para aqueles que usavam manuais como o principal suporte para o trabalho com os seus alunos, o projeto representou uma oportunidade de mudança de prática que foi largamente aproveitada. Para os que não utilizavam tanto os manuais, trouxe uma confiança e uma legitimidade acrescida em relação à sua prática letiva.

Os professores interpretaram os objetivos do projeto num aspeto central, a “utilização de recursos didáticos diversificados”. Relativamente aos objetivos a atingir pelos alunos, alguns objetivos surgem no discurso de uns professores, outros surgem no discurso de outros. O objetivo mais valorizado é o desenvolvimento do trabalho

colaborativo, sendo também muito referido o desenvolvimento da autonomia dos alunos e ainda o desenvolvimento da cidadania, a formação pessoal e o empreendedorismo. Relativamente à influência do projeto nas aprendizagens dos alunos, nenhum professor indica conteúdos específicos ou níveis atribuídos no final do ano letivo, referindo antes aspetos transversais e o envolvimento dos alunos. No entanto, devemos registar a natureza impressionista da perceção dos professores sobre o modo como foram ou não atingidos os objetivos específicos formulados para os alunos. No que respeita aos objetivos específicos que o projeto enuncia para os professores, salienta-se o desenvolvimento de uma prática pedagógica assente na utilização de recursos diversos, embora com o uso das tecnologias digitais aquém do previsto. Os professores referem ainda ideias congruentes com outros objetivos específicos, muito em especial o uso de estratégias diversificadas e realização de trabalho colaborativo entre colegas.

Os professores destacam não só a diversidade de materiais que tiveram oportunidade de adquirir para as suas escolas, mas também o facto de poderem reforçar o acervo de alguns materiais já existentes para uma melhor exploração por parte dos alunos. Deste modo, os materiais deixaram de servir como algo que o professor podia usar para exemplificar, para passarem a ser um recurso a que os alunos podiam recorrer durante o trabalho em sala de aula. É ainda de notar que vários docentes referem que passaram a planificar as suas aulas ou a estrutura do trabalho semanal com um ou vários colegas.

Todos os docentes referem o trabalho de projeto como a forma dominante de atividade durante o primeiro ano do projeto Mochila Leve. Alguns referem de forma bastante positiva que nunca tinham conseguido realizar e concluir tantos projetos com os seus alunos como este ano. Os projetos eram, principalmente, realizados pelos alunos em grupo e, depois, apresentados aos colegas. Os projetos relatados têm, essencialmente, origem em temas de Português, em particular no estudo de algumas obras literárias, e em temas de Estudo do Meio. As dificuldades surgem com a Matemática em que houve grande dificuldade em enquadrar nos projetos efetuados as aprendizagens a realizar pelos alunos.

Apesar de nunca se referirem diretamente à capacidade de comunicar dos seus alunos, todos os professores referem os momentos de apresentação de trabalhos como uma atividade muito interessante das suas “novas aulas” e que os alunos estão muito mais

extrovertidos e disponíveis para interagir, negociar e partilhar com os seus colegas. As apresentações orais dos alunos aos colegas no âmbito das pesquisas feitas no *tablet*, dos projetos ou de assuntos do seu interesse são assim destacadas como muito positivas. Uma maior incidência de trabalho a pares e em grupo na sala de aula tem tido também um impacto bastante positivo no desenvolvimento das relações sociais entre os alunos, que, segundo os professores, trabalham agora colaborativamente de modo muito mais natural, respeitam os colegas, empenham-se na construção coletiva dos projetos e do seu próprio conhecimento, respeitam as opiniões dos colegas, e ouvem os outros sem julgar e sem se ofender. Com muita satisfação, todos os docentes referem que os seus alunos se mostram muito mais autónomos. Um aspeto também bastante saliente no discurso dos professores é a preocupação com a avaliação formativa dos alunos, que ganhou destaque na sua prática de ensino.

Para fazer face às preocupações dos encarregados de educação, os professores referem que reforçaram a comunicação com eles por várias vias, em especial através do caderno diário onde os alunos registavam o trabalho feito na aula. Esta comunicação regular e os sucessivos convites para irem conhecer os projetos que os seus educandos estavam a realizar rapidamente levou os encarregados de educação a apreciar o projeto. Segundo os professores, no final do ano letivo o seu feedback foi muito positivo e alguns pediam, inclusivamente, que os seus educandos e professores continuassem no projeto no ano letivo seguinte.

Todos os docentes valorizam a forte ligação à prática da formação realizada pelas três instituições e indicam ter tido oportunidade de experimentar novas práticas com forte acompanhamento dos formadores. Alguns salientam também a proximidade e a colaboração entre os grupos de formação. No entanto, relativamente à influência da formação nas suas práticas, as reações dividem-se, pois, alguns professores valorizam a oportunidade de aprofundamento e reflexão que a formação proporcionou, apontando a sua importância para as mudanças na sua prática, enquanto outros mostram desejar uma formação de cunho mais instrumental. Os docentes referem que este ano letivo não sentiram o apoio necessário para explorar os *tablets* em sala de aula, quer por constrangimentos técnicos de definições iniciais, quer pela sua própria falta de conhecimento.

Deste modo, o primeiro ano de atividade do Projeto Mochila Leve assistiu ao desencadear de um promissor processo de inovação pedagógica nas escolas do 1.º ciclo do Município de Oeiras. Os problemas assinalados são perfeitamente naturais num projeto desta natureza e podem, certamente, ser ultrapassados em anos futuros. O maior desafio, será, porventura, com a continuação e o alargamento do projeto, conseguir preservar as suas características, de modo a proporcionar, efetivamente, resultados substanciais nas aprendizagens dos alunos.

Objetivos, participantes e recursos do projeto

Os objetivos do projeto Mochila Leve, promovido pela Câmara Municipal de Oeiras, com início em setembro de 2018, são

- Criar uma rede concelhia de docentes do 1.º ciclo do ensino básico (CEB), pertencentes a diferentes agrupamentos e escolas, que reúnam periodicamente para planificar, partilhar experiências pedagógicas e gerar uma comunidade de reflexão sobre a necessidade da utilização de diferentes ferramentas em sala de aula, entre as quais as novas tecnologias.
- Criar condições para um desenvolvimento profissional dos docentes assente no trabalho colaborativo e na utilização de recursos didáticos diversificados: materiais manipuláveis; plataformas digitais; novos materiais didáticos; criação no desenvolvimento de recursos próprios; entre outros.¹

Os objetivos específicos do projeto representam a ambição do Município de agir em duas áreas estruturais em educação, a promoção do sucesso dos alunos e o desenvolvimento profissional dos professores. Para os professores, os mentores do projeto ambicionavam: (i) o desenvolvimento de uma prática pedagógica assente na utilização de diferentes recursos, nomeadamente as novas tecnologias; (ii) a adoção de estratégias diversificadas de acordo com aprendizagens prévias; ritmos de aprendizagem; necessidades e desempenhos individuais, adaptando o processo ensino-aprendizagem às características individuais de cada aluno; (iii) o estabelecimento de parcerias de cooperação com diversas entidades da comunidade, em projetos partilhados, promovendo práticas pedagógicas ancoradas no trabalho colaborativo; (iv) o incentivo ao trabalho colaborativo, entre professores, na conceção, seleção e utilização de recursos didáticos associados a metodologias ativas e inclusivas, tornando mais interativo, inovador e dinâmico o processo de ensino-aprendizagem dos alunos; (v) a promoção do seu desenvolvimento profissional na perspetiva da utilização de diferentes ferramentas, articulação de saberes e trabalho de carácter colaborativo; e (vi) a promoção de condições de sucesso educativo para todos os alunos, através da diversificação de práticas educativas consistentes, com o incentivo à diferenciação pedagógica.²

¹ Documento CMO (2018) “Mochila Leve”.

² Documento CMO (2018) “Mochila Leve”.

Os recursos proporcionados às escolas e aos professores, bem como as mudanças solicitadas aos professores, tinham como objetivo transformar as aprendizagens dos alunos tendo em vista: (i) integrar os diferentes saberes dando significado às aprendizagens realizadas, através do desenvolvimento de abordagens interdisciplinares, transdisciplinares e da articulação dos conteúdos curriculares; (ii) desenvolver a capacidade de comunicar; (iii) desenvolver trabalho colaborativo; (iv) desenvolver a autonomia, o espírito crítico e o gosto pelo saber; (v) ampliar a formação dos alunos e a sua interação com a realidade de forma crítica e dinâmica; (vi) saber utilizar novas tecnologias; (vii) desenvolver a cidadania, a formação pessoal e o empreendedorismo; (viii) articular saberes; e (ix) estimular a criatividade.³

Por convite da Câmara Municipal de Oeiras, no primeiro ano do projeto estiveram envolvidos 716 alunos e 40 docentes de 10 escolas do 1.º ciclo do EB de 8 agrupamentos da Rede Pública de Ensino de Oeiras, como se indica na Tabela 1. A distribuição dos alunos envolvidos por ano de escolaridade no ano de 2018/19 no Projeto Mochila Leve está indicado na Tabela 2.

Para o desenvolvimento deste ano-piloto do projeto Mochila Leve e com o propósito de apoiar os docentes e as escolas a transformar o processo educativo de acordo com os objetivos do projeto, a Câmara Municipal de Oeiras fez um investimento de cerca de 130 mil euros para (i) aquisição de material didático e tecnológico (*tablets*) e (ii) ações de formação contínua dos docentes nas áreas da Matemática, Ciências Experimentais, Ciências Sociais, Pedagogia Diferenciada e Trabalho de Projeto, dinamizadas e realizadas através de parcerias como o Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IE-ULisboa), a Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELX) e o Movimento da Escola Moderna (MEM). Os professores distribuíram-se pelas três instituições de formação tal como se indica na Tabela 3.

³ Documento CMO (2018) “Mochila Leve”.

Tabela 1 – Agrupamentos e escolas envolvidos no ano de 2018/19 no projeto Mochila Leve
(Fonte: Documento CMO (2018) “Mochila Leve”)

Agrupamento	Escola	Anos	Nº de alunos	Nº de alunos AE
AE Aquilino Ribeiro	EB1/JI Porto Salvo	4º ano	27	116
		2º ano	24	
		2º ano	26	
		Prof. Apoio	0	
	EB Pedro Alvares Cabral	4º ano	20	
AE Linda-a-Velha Queijas	EB Pedro Alvares Cabral	1.º ano	19	47
	EB1/JI Cesário Verde	3º ano	21	
	EB1/JI Narcisa Pereira	3º ano	26	
	AE	Adjunto direção	0	
AE Miraflores	EBI e Miraflores	4º ano	26	156
		4º ano	26	
		4º ano	26	
		4º ano	26	
		4º ano	26	
		4º ano	26	
		Prof. Apoio	0	
AE Paço de Arcos	EBI Joaquim de Barros	Coord. IC	0	109
		1º ano	20	
		1º ano	20	
		1º ano	21	
		1º ano	22	
		4º ano	26	
		Prof. Apoio	0	
AE S Bruno	EB São Bruno	Ed. Especial	0	74
		2º ano	25	
		3º ano	27	
		4º ano	22	
AE Carnaxide-Portela	EB São Bruno	Coord. IC	0	69
		1º ano	23	
		1º ano	26	
		2º ano	20	
AE Carnaxide	EB1 Antero Basalisa	Coadjuvante	0	93
		1º ano	24	
		2º ano	21	
		3º ano	25	
AE Santa Catarina	EB1 Antero Basalisa	4º ano	23	52
		4º ano	25	
	EB Armando Guerreiro	4º ano	27	
	AE	Coord. IC	0	
	AE	Adjunto direção	0	
Total	8 agrupamentos	10 escolas	40 professores	716 alunos

Tabela 2 – Alunos envolvidos por ano de escolaridade no ano de 2018/19 no Projeto Mochila Leve. (Fonte: Documento CMO (2018) “Mochila Leve”)

Ano de escolaridade	N.º turmas	N.º alunos
1.º ano	8	175
2.º ano	5	116
3.º ano	4	99
4.º ano	13	326
Total	30 turmas	716 alunos

Tabela 3 - Distribuição dos professores pelas modalidades de formação oferecidas. (Fonte: Documento CMO (2018) “Mochila Leve”)

Instituição	Formação	Total por instituição
IE-ULisboa	Estudos de aula / Matemática	10
	Estudo de aula / Ciências Experimentais	
ESELX	Matemática	14
	Ciências experimentais	
	Ciências sociais	
	Português	
MEM		16

Metodologia

Considerando o tempo de realização do projeto, o tempo para a realização da monitorização, bem como o número de professores envolvidos, seguimos uma abordagem qualitativa e interpretativa que nos permitisse compreender em profundidade a forma como os professores se apropriaram dos objetivos e condições do projeto, bem como a forma como o colocaram em prática e a percepção que têm sobre a forma como o projeto influenciou as suas práticas e a aprendizagem dos seus alunos.

Os dados foram recolhidos, essencialmente, com recurso a dois métodos: entrevistas e recolha documental. Inicialmente foi realizada uma entrevista semiestruturada aos técnicos da Câmara Municipal de Oeiras responsáveis pela criação e concretização do projeto Mochila Leve. Esta reunião seguiu o guião apresentado no Anexo 1 e foi realizada no dia 16 de julho de 2019, nas instalações do Departamento de Educação do Município, em Oeiras, estando presentes Luís António e Emanuel Pereira, por parte da Câmara Municipal de Oeiras e João Pedro da Ponte, Mónica Baptista e Marisa Quaresma, por parte do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Posteriormente a esta reunião foi-nos facultada a documentação referente ao projeto que serviu de base à respetiva contextualização, apresentada na introdução deste relatório. A informação recolhida na entrevista aos técnicos serviu-nos também para reformular o guião da entrevista a realizar aos professores tornando-a mais ajustada aos objetivos do projeto e às preocupações dos seus promotores.

Foram ainda realizadas entrevistas semiestruturadas a 15 professores que integraram o projeto Mochila Leve no seu ano piloto, 2018/2019, seguindo o guião apresentado no Anexo 2. Os professores entrevistados foram selecionados pelos técnicos da CMO, de modo a que houvesse representatividade de todos os agrupamentos e escolas envolvidos (Anexo 3). Com estas entrevistas procurámos compreender a perspetiva dos professores sobre a experiência que viveram ao longo deste primeiro ano de realização do projeto, bem como de que modo essa experiência teve consequências nas suas práticas letivas, nas aprendizagens dos seus alunos e o feedback recebido pelos encarregados de educação. Estes serão assim os aspetos que iremos destacar na análise que apresentamos nos pontos seguintes.

Perceções dos docentes

1 Objetivos do projeto

Como vimos no ponto anterior deste relatório, o Projeto Mochila Leve visa atingir vários objetivos. No entanto, quando perguntamos aos professores quais os objetivos do projeto que os motivaram no início ou que guiaram a sua ação ao longo do ano letivo, todos salientam a não utilização de manuais escolares, o que revela que este é sem dúvida o aspeto do projeto mais marcante para os docentes:

Bom, o mote é largarmos os manuais, isso foi logo a primeira expressão que saltou, a primeira ideia... (Ana Grazina, E)

Eles centram muito no “sem livros”. (Isabel Barata, E)

A pergunta lançada para o ar foi “quem é que para o ano não quer adotar manuais?” E como é uma prática que eu já tenho há muitos anos, de repente, vejo-me envolvida no Projeto Mochila Leve, sempre entendendo-o como não havendo manuais escolares. (Catarina Subtil, E)

Como forma de concretizar este aspeto tão marcante, os professores destacam a necessidade de recorrer a diversos recursos e ferramentas:

Achei que era um desafio, nós quando não trabalhamos com manuais escolares temos que ir à procura de outras coisas e não é substituir o manual pela fotocópia que fazemos de um outro livro (...) (Carla Dias, E)

Aquilo que mais me cativou foi o facto de poder procurar textos, artigos para trabalhar com os alunos e não ser orientada pelos manuais, foi o que mais me cativou, principalmente na área de Português, isso foi o que mais me cativou. Porque eu acho que os manuais não são motivadores para os miúdos, os textos que lá estão muito menos e, portanto, só o facto de sermos nós a procurá-los já era meio caminho andado para as coisas irem ao nosso gosto. (Raquel Martins, E)

Os professores interpretaram assim os objetivos do projeto num aspeto central, a “utilização de recursos didáticos diversificados”.

O uso de recursos digitais, nomeadamente os *tablets*, é também um elemento identificador do projeto. No entanto, diversos professores referem que ficar apenas por este elemento é bastante redutor. É o caso de Sandra Santos quando diz “eu acho que foi um bocadinho erro, digamos assim, porque eu acho que isto é muito mais para além dos *tablets*” (E). E Ana Gregório refere que um dos seus objetivos iniciais foi mesmo “desmistificar na cabeça dos pais e dos miúdos que não era um projeto de *tablets*” (E).

Sandra Santos é a única docente que refere os documentos do projeto que lhe foram facultados e enuncia alguns dos objetivos de que se recorda desses documentos:

Falava muito em partilhas, em encontros entre professores, partilha de didáticas e pedagogias entre os professores, alternativas de planeamento e de estratégias de ensino, muito para além do manual. Depois, também estavam descritos os *tablets* como utensílio de uso diferenciado em sala de aula, digamos assim, foi isso essencialmente (Sandra Santos, E).

A “partilha de experiências pedagógicas” entre docentes, referida no primeiro objetivo do projeto, foi também identificado e valorizado por alguns docentes.

Por vezes, no seu discurso, os professores referem ideias congruentes com os objetivos específicos que o projeto enuncia para os alunos, muito em especial os que se referem a (i) integração de saberes dando significado às aprendizagens realizadas; (ii) capacidade de comunicar; (iii) trabalhar colaborativamente; (iv) desenvolvimento da autonomia, espírito crítico e gosto pelo saber; (v) saber usar novas tecnologias; (vii) desenvolvimento da cidadania, formação pessoal e empreendedorismo; (viii) articulação de saberes; e (ix) criatividade.

Para Sandra Santos a não utilização do manual permite atingir vários destes objetivos:

Eu sou muito má de formatações... Eu saber fazer uma pesquisa e saber selecionar aquilo que me interessa ou não interessa, isso é importantíssimo, mais do que um manual, é o saber ir à procura, saber ler e saber fazer a triagem, acreditar ou não acreditar. É isso que nós queremos nas nossas crianças no futuro, que saibam dizer sim, que saibam dizer não por eles, que sejam autónomos. Fazer um trabalho sem estar a copiar as coisas que lá estão escritas, transformar a informação... (Sandra Santos, E)

É de notar que, na lista de nove objetivos a atingir pelos alunos, alguns surgem no discurso de uns professores, outros surgem no discurso de outros. O mais valorizado é o desenvolvimento do trabalho colaborativo, como referido por Ângela Gonçalves, quando diz que os alunos melhoraram a “capacidade de trabalhar em grupo; a colaboração; o trabalho de equipa” (E).

Igualmente muito valorizado surge o desenvolvimento da autonomia dos alunos, espírito crítico e gosto pelo saber:

Autonomia obviamente, criatividade sem dúvida e a motivação de mostrar, porque depois nós trabalhávamos e eles mostravam, davam a aula sobre aquilo que tinham investigado e o sentiram-se eles próprios estar à frente dos colegas e mostrar aquilo que tinham feito, foi espetacular. Não há dúvida que na autonomia eles cresceram imenso. (Raquel Martins, E)

A grande diferença que notei foi que os miúdos estavam muito mais livres, mais espontâneos, mais felizes, mais autónomos, mais críticos e mais reflexivos. (Isabel Barata, E)

Por fim, é ainda muito valorizado o desenvolvimento da cidadania, a formação pessoal e o empreendedorismo que ficou patente no uso de expressões como, melhorou “a relação uns com os outros” (Carla Paias, E), “o relacionamento interpessoal” (Pedro Costa, E), “mais empreendedores” (Micaela Gonçalves, E) e “aprenderam a conversar uns com os outros” (Ana Gregório, E).

No que respeita aos objetivos específicos que o projeto enuncia para os professores, salienta-se como dissemos o desenvolvimento de uma prática pedagógica assente na utilização de recursos diversos, embora com o uso das tecnologias digitais aquém do previsto. Os professores referem no seu discurso ideias congruentes com outros objetivos específicos, muito em especial o uso de estratégias diversificadas e realização de trabalho colaborativo entre colegas:

Na nossa experiência em Miraflores foi uma experiência muito agradável porque nós tivemos um grupo muito engraçado, colaboramos todos muito bem uns com os outros, aquilo incentivou o trabalho colaborativo tanto na planificação das aulas como na pesquisa dos recursos, como na partilha das ideias... Formamos inclusive um grupo online e então partilhávamos sempre uns com os outros. (Ana Grazina, E)

Alguns docentes veem também no projeto Mochila Leve e nos seus objetivos uma oportunidade para dar resposta à nova legislação, nomeadamente, Aprendizagens Essenciais, Perfil do Aluno à saída da Escolaridade Obrigatória, Autonomia e Flexibilidade Curricular (Decreto-Lei n.º 55/2018) e Educação Inclusiva (Decreto-Lei n.º 54/2018):

A inovação, ou seja, para já porque tínhamos um decreto de lei que tinha acabado de sair praticamente e que se enquadrava muito bem neste projeto que nos dava uma certa abertura para se poder avaliar e produzir digamos, as aulas de maneiras mais inovadoras. (Amélia Almeida, E)

Deixou-me entusiasmada porque eu acho que a nossa profissão de professores é uma profissão que nós temos que estar sempre a aprender e a fazer coisas novas e coisas diferentes. Ainda para mais nestes últimos tempos as escolas estão a passar por uma série de mudanças, não é? E eu achei que era uma excelente oportunidade para isso. (Carla Dias, E)

Bom, o mote é largarmos os manuais, isso foi logo a primeira expressão que saltou, a primeira ideia... De qualquer das maneiras para mim o Projeto Mochila Leve é um projeto transversal, que dá possibilidade de nós fazermos tudo na sala de aula e vem também ao encontro destes novos Decretos-Lei, desta nova filosofia lançada pelos ME. (Ana Grazina, E)

De um modo mais específico e concreto, na Escola Básica Integrada Dr. Joaquim de Barros, os docentes consideram o Projeto Mochila Leve como a “tempestade perfeita para podermos realmente mudar” (Pedro Costa, E). Este docente refere também a proximidade entre os objetivos do projeto a nova legislação “Os últimos normativos que saíram no Ministério da Educação vão todos neste sentido” (Pedro Costa, E). Refere ainda que, com o “apoio imprescindível da Câmara, o próprio agrupamento que sempre nos deu apoio em todas as ideias que foram sendo apresentadas” (Pedro Costa, E), os docentes estruturaram a mudança da habitual organização dos alunos do 1.º ano, por grupos e não por turmas de modo a promover a diferenciação pedagógica dos alunos:

Aproveitamos a questão do Mochila Leve para, com os alunos que estão matriculados no 1.º ano, organizamos grupos de trabalho diferenciados em relação às turmas, de acordo com uma avaliação que fomos fazendo ao longo do ano, então organizamos grupos de trabalho, em cada grupo ficavam 2 professores e iam trabalhando com esses grupos portanto, (...) bom... com os alunos que ainda estavam com mais dificuldades na leitura e escrita o trabalho incidiu maioritariamente sobre essa área, exatamente para lhes dotar de ferramentas para dominar o código escrito e de leitura. Nos outros dois grupos formamos três, havia um grupo intermédio com um tipo de trabalho... ou melhor, competências trabalhadas muito ao nível do que é expectável para o 1.º ano e depois tinha um terceiro grupo, mais de desenvolvimento, que aí sim já trabalharam mais em projeto puro, projeto puro e trabalharam todas as áreas do conhecimento ao mesmo tempo, dentro do projeto. (Pedro Costa, E)

Para Isabel Barata, o Projeto Mochila Leve foi uma oportunidade para fazer diferente, assumindo que de algum modo atingiria os objetivos do projeto:

Eu sempre gostei de inovar, por isso, o Mochila Leve era mais uma coisa para experimentar, também para motivar e envolver os miúdos e ao mesmo tempo para me enriquecer. Entrei para experimentar trabalhar de uma outra forma, sem pensar muito nos objetivos (Isabel Barata, E)

Em síntese, tanto no que respeita aos alunos como aos professores, a formulação dos objetivos específicos do projeto está feita de uma forma que não facilita a sua identificação como objetivos a atingir, correspondendo mais a grandes orientações para a prática e para o desenvolvimento profissional. Nestas condições, torna-se difícil identificar no discurso dos professores indicadores precisos sobre a sua perceção do modo como foram ou não atingidos todos os objetivos específicos formulados.

2 Materiais e recursos

Uma prática de sala de aula sem manuais escolares é, efetivamente, a característica mais referida do Projeto Mochila Leve. Existem, claramente, três situações diferentes em relação a esta característica. Vários professores que anteriormente usavam manuais diariamente para trabalhar com os seus alunos, relatam uma transformação profunda da sua prática com a participação no projeto:

Ora bem, exato, houve, houve, houve algumas alterações visto que eu trabalho há 24 anos e só mesmo a partir do projeto que eu integrei em 2018/2019 que tive a oportunidade de trabalhar sem manuais, até então trabalhei sempre com eles, o não trabalhar com manuais de facto para mim foi um passo além, algum que eu desconhecia enquanto professor e que me abriu bastantes horizontes na prática letiva. (Alberto Dias, E).

Foi muito interessante, eu ia com muito receio para o projeto, muito, eu era das pessoas que estava mais receosa, mas sinceramente acho que foi uma mais valia para o alunos e para mim porque libertou-me do manual e isso deu-me uma liberdade imensa e uma necessidade de procurar outras coisas, que nós às vezes nem sabemos que existem, claro que a nível de preparação exige muito mais tempo nessa parte. (Micaela Gonçalves, E).

Outros docentes referem que já não usavam os manuais escolares com muita regularidade nas suas salas de aula e referem mudanças, mas menos profundas. Por fim, os professores que já só usavam os manuais escolares pontualmente, referem que o Projeto Mochila Leve serviu para legitimar essa prática, indicando alterações apenas pontuais na sua prática. Os professores que já anteriormente tinham iniciado uma prática não centrada apenas no manual referem que o projeto lhes permitiu libertarem-se da responsabilidade de usar este recurso, imposta pela necessidade de o valorizar sentida em anos anteriores, dado os encarregados de educação terem gasto dinheiro na sua aquisição:

A grande alteração foi mesmo não ter os manuais, portanto foi mesmo trabalhar sem manuais escolares, essa foi a grande alteração porque embora eu já trabalhasse um pouco no âmbito do trabalho de projeto, em outros anos estava sempre ligada aos manuais escolares, porque os pais compraram, tinha sempre ali aquela ligação que no fundo acabamos sempre por ir trabalhar alguns conteúdos dos manuais e este ano foi mesmo sem manuais, portanto foi liberdade total. (Carla Paias, E)

Assim, os professores sentiram a proteção de “uma entidade superior” que lhes permitia libertar-se dessa responsabilidade:

Eu acho que o facto, os manuais nunca foram... Nunca fui de seguir o manual tipo bíblia, mas aquela questão do peso de haver um manual na sala, os pais adquirem o manual e nós estamos constantemente nesta dicotomia “se os manuais estão, nós temos que os usar” (...) mas eu acho que o facto da rede, o agrupamento concorda, a camara concorda, isto é um projeto devidamente credenciado e nós não vamos ter manuais... Nunca houve

questão em relação a isso, não é propriamente “a professora é mais excêntrica e não vai usar os manuais” e o ruído que isso provoca às vezes, o facto de haver alguma decisão pedagógica que sai um bocadinho da norma faz com que o escrutínio seja muito maior, havendo menos sucesso vai-se logo atribuir a essa questão e não se vai tão a fundo. Havendo o suporte da camara e do agrupamento e essa é a regra eliminou um bocado esse ruído, não é que não tivesse havido, mas eliminou uma parte. (Joana Coerver, E)

Uma oportunidade de não ter um recurso a preencher a minha atividade. No fundo, quando nós temos um recurso é importante que eles se apropriem daquilo que têm, não é? Mas é não ter, de facto, não ter! (Catarina Subtil, E)

Para Ana Gregório, a diminuição na utilização dos manuais permitiu-lhe consolidar e sistematizar a sua prática anterior onde já usava diversos recursos:

Já antes eu fazia isto e, o que é que fizemos? Fizemos de uma forma mais sistemática, mais organizada, porque tínhamos que ter uma planificação muito mais metódica e aquilo que fizemos foi a partir das obras do PNL que nós selecionamos. (Ana Gregório, E)

Ao longo da conversa connosco, os professores foram refletindo sobre a pertinência de trabalhar sem ser a partir do manual. A maior parte salienta que “não é contra os manuais”, sendo estes úteis como mais um recurso, ao lado de outros recursos:

O manual como tudo e qualquer recurso tem a sua pertinência, muito embora seja uma abordagem que se for só única para mim é completamente obsoleta. (Ana Grazina, E)

Mas dava-me jeito que tivesse existido [manual] este ano, de facto, como mais um recurso (...) Eu não utilizei o manual de todo, não peguei nele porque embora não concordasse, era uma das regras do projeto e a partir do momento em que eu aceitei estar no projeto tenho que cumprir essas regras. Agora acho que... Eu entendo porque é que o fizeram, porque para alguns colegas o manual era a Bíblia e queriam desmistificar isso e retirar um bocadinho o tapete para a pessoa ver se sobrevivia, mas eu não fazia isso e, portanto, sinto que fui um bocadinho penalizada. (Ana Gregório, E)

É de notar o caso de três professoras que trabalharam juntas referem que usaram o manual para recurso a imagens que consideram bem-feitas e indispensáveis à aprendizagem dos alunos, nomeadamente, mapas atualizados em Estudo do Meio e tarefas de Geometria, no caso concreto da relação entre retas e ângulos:

Já que falou dos manuais, só para a situar, eu este ano... O livro de Português não veio, não foi usado, usamos um só de ortografia para consolidar a parte da ortografia porque eles davam muitos erros ortográficos. Depois na Matemática só usamos pontualmente, sobretudo na Geometria que eles precisam de... Estudo do Meio foi acordado com os pais desde o início que ele estaria na sala como recurso porquê? Só por causa dos mapas, do esqueleto que eles precisavam de visualizar digamos, era só mesmo usado pontualmente. (Amélia Almeida, E)

Uma das docentes que já não usa manual nas suas aulas há vários anos, nem sente falta dele, salienta que este pode ser um recurso importante para alimentar a relação entre os encarregados de educação e a escola em contextos socialmente mais desfavorecidos:

E por incrível que pareça e eu nunca pensei dizer uma coisa dessas, o manual nesta escola, nesta cultura e nestes meninos pode ser importante como referência para a família, porque estes meninos não têm contacto com livros, estes meninos têm uma distância muito grande do que é a escola e o manual parece-me, pelo que eu consegui aprender destas famílias ao longo do ano, que é o compromisso que existe entre a escola e a família. Portanto, se o manual for utilizado como transporte na mochila deles para casa, por incrível que pareça, é a responsabilidade dos pais dizerem “ah este meu filho está realmente a trabalhar”. (Sandra Santos, E)

De facto, a grande marca do Projeto Mochila Leve está na não utilização dos manuais escolares, mas o projeto também prevê a outra face desta restrição, a mudança das práticas profissionais dos professores incentivando e apoiando a diversificação dos recursos usados na sala de aula, bem como a colaboração e reflexão entre os docentes.

Considerando a influência que os materiais solicitados por cada professor podem ter nas suas práticas sem manuais, pedimos aos professores que fizessem um breve relato dos materiais adquiridos no âmbito do Projeto Mochila Leve, a forma como foram usados e relacionando-os com eventuais mudanças mais específicas nas suas práticas de sala de aula. No geral, os professores destacam de forma muito positiva a oportunidade para aceder e diversificar os seus recursos:

O projeto Mochila Leve enriqueceu em muito as minhas práticas. Eu tive acesso a recursos muito bons. (Catarina Subtil, E)

No que diz respeito ao Português, todos os professores referem ter solicitado livros do Plano Nacional de Leitura, da Educação Literária ou outras obras de referência para o ano escolar com que estavam a trabalhar. A aquisição de, pelo menos, um livro para cada dois alunos, foi considerada de extrema importância para compensar o facto de não existirem manuais com textos para trabalhar com os alunos os conteúdos desta área curricular. Todos os docentes referem ter compensado a ausência de manuais pelo trabalho com os livros que, na sua opinião foi mais proveitoso porque professores e alunos tiveram liberdade para escolher as obras e as partes das obras que mais gostavam de trabalhar. Segundo o relato dos professores, tiveram também mais tempo para dedicar a cada obra o que foi bastante positivo para os alunos, pois tiveram oportunidade para folhear e explorar obras completas, para pesquisar e elaborar a biografia de vários autores,

selecionar de forma crítica algumas partes das obras para apresentar aos colegas e dramatizar ou reproduzir noutras formas de arte:

No Português, as obras literárias físicas que eu tive acesso porque pedi. Esse foi um dos materiais que eu pedi. Foram as obras todas da educação literária, vários volumes. Foi a base do trabalho do Português, foi essa. Eles manusearam, mexeram e nós trabalhamos imenso essas obras e foram a base de trabalho do ano letivo. E foi extremamente enriquecedor, ultrapassou muito as expectativas que eu tive. (Joana Coerver, E)

O Português foi ótimo os livros do PNL, nunca tinha trabalhado tantas obras, depois como tínhamos os *tablets*, eu também nunca tinha feito aquilo, portanto os meninos procuravam as obras nos *tablets*, eles fizeram biografias de quase todos os autores, eles fizeram pesquisas relacionadas com as histórias. Ou seja, era uma coisa que eu não... Como é que eu hei de dizer? Eu trabalhava assim, e o ano passado também tive 4.º ano, eu trabalhei também os livrinhos do PNL, mas aqueles que vinham no manual. Aqui não! Eu aqui fiz aquilo que me apeteceu e mais, depois também conseguimos fazer, nem sempre, porque não é de todo possível pegar em todos os livros do PNL e ir para a Matemática, mas fiz com alguns. (Ana Rita Silva, E)

Para Isabel Barata, as obras literárias foram muito importantes, quer para iniciar projetos, quer para motivar e envolver os seus alunos em projetos de escola:

Então pedimos um exemplar de diferentes obras literárias para os motivar. Eles podiam ler individualmente, para a turma ou até para os meninos do pré-escolar. Tínhamos um projeto de articulação e era bom para eles treinarem e ficarem mais à vontade perante os outros. (Isabel Barata, E)

A área da Matemática, na palavra dos professores entrevistados, beneficiou, essencialmente, da aquisição de material estruturado, também numa quantidade que permitisse, pelo menos, um exemplar para cada par de alunos. Alguns docentes referem a aquisição de materiais completamente novos, enquanto outros salientaram que as suas escolas já estavam bem equipadas e aquilo que fizeram foi reforçar o acervo dos materiais já existentes. Diversos professores indicam a aquisição de Legos. Este material parece ter sido uma agradável surpresa para os professores que nunca tinham explorado as suas potencialidades em sala de aula. De um modo geral referem também a aquisição de material Cuisenaire, MAB (material multibásico); *polydrons*, calculadores multibásicos, sólidos geométricos; instrumentos de medida e, também, materiais para trabalhar a compreensão das frações, especialmente, as frações equivalentes:

Utilizamos por exemplo na Matemática o Cuisenaire, usamos os calculadores multibásicos, usámos o MAB, usamos os sólidos geométricos. (Ângela Gonçalves, E)

Depois pedimos alguns materiais de Matemática porque era aqueles onde nós tínhamos uma maior falha na escola e materiais manipuláveis sobre frações e sobre as medições, instrumentos de medida. (Carla Paias, E)

Para dar Matemática, os conceitos, sim conteúdos, sobretudo... Tudo o que é frações, volumes, tinham assim uns materiais que... Foram blocos lógicos, *polydrons*, que deu jeito sobretudo na parte da geometria que eles precisam. (Amélia Almeida, E)

Nós tínhamos muito material didático também, eu pessoalmente pedi sobre frações porque que ia dar no 3.º ano e tínhamos para trabalhar frações equivalentes, umas torres de frações, dominós e esse material veio ajudar muito. (Micaela Gonçalves, E)

Eles não podiam estar em sala de aula constantemente na minha, embora alguns foram para lá e nunca mais de lá saíram. Podiam e eu normalmente nos materiais faço sempre assim, uma exploração, primeiro do material à vontade e depois lá vou inserindo o conteúdo e uma chamada de atenção para eles observarem, isso muito nos *polydrons*! Eles fizeram grandes construções e depois é que fomos perceber o que podia ser aquilo e depois nas aulas de campo levávamos e víamos confrontando com a realidade onde é que se poderia encaixar cada forma, digamos assim, pronto, muito nesse sentido... (Sandra Santos, E)

Também pedi depois e chegou, legos, eu pedi legos para a minha sala porque eles tinham falta de manipulação de materiais e sentirem materiais, verem outras formas e depois comparar com a realidade das coisas, saber observar as coisas, isso foi desenvolvido. (Sandra Santos, E)

Conseguimos aumentar o número de pentaminós, de encaixes, os legos, os legos são um potencial imenso para tudo o que é domínio da Matemática e até para o resto, as expressões, a oralidade, o Português, o Estudo do Meio, o Lego tem um potencial imenso. (Catarina Subtil, E)

Usaram os *polydrons*, usaram os pentaminós, o tangram, isto foi tudo materiais que vieram da Câmara. Os sólidos geométricos, isso usaram imenso, até fizemos diálogo com os sólidos. Estou a lembrar-me do globo, mas isso foi para o Estudo do Meio. (Ana Gregório, E)

Para Isabel Barata, o material estruturado de Matemática foi muito importante para apoiar o trabalho desenvolvido a partir da metodologia do MEM:

Era usado “para resolver problemas. Ah! E foi muito importante para o trabalho de estudo autónomo e para os PIT’s. Nos cantinhos também estavam os jogos, os tangrans, o MAB, os geoplanos, pronto, havia isso tudo. (Isabel Barata, E)

No que se refere ao Estudo do Meio, os professores referem que foram adquiridos alguns kits para fazer experiências, modelos anatómicos do corpo humano, reagentes, binóculos, microscópios, livros sobre a história de Portugal, jogos de tabuleiro sobre os vários temas abordados nesta área curricular:

Pedimos estetoscópio também porque demos o coração, balanças, uma digital e outra de pesos de dois braços, foi isso que pedimos. (Ângela Gonçalves, E)

Sim no Estudo do Meio nós tínhamos microscópicos, no âmbito da mochila leve, tínhamos microscópicos, tínhamos por exemplos rochas para trabalharmos as rochas (...) Pedimos os microscópicos com os preparados das lamelas, pedimos alguns materiais para as experiências das forças, molas e íman, esse tipo de coisas. (Ângela Gonçalves, E)

No Estudo do Meio nós pedimos vários livros na área da História... pedimos muitos jogos de tabuleiro sobre os vários temas de estudo do meio (Carla Paias, E)

No Estudo do Meio, chegou-nos também bastante material sobre o esqueleto, sobre os ossos, animais. (Alberto Dias, E)

E também os de Estudo do Meio... O corpo humano, o esqueleto, sim, também as rochas, também temos um kit de rochas, temos assim material novo... (Alberto Dias, E)

Pedimos material de laboratório para experimentação... Tivemos oportunidade para especificar, há materiais muito específicos que são muito caros e que nós evitámos pedir, usamos os nossos, antigamente levávamos de casa, como as balanças de precisão, as chapas para aquecer no laboratório. Pedimos outra para podermos fazer Ciências Experimentais sem estarmos condicionados a haver apenas uma para as turmas todas, somos uma escola muito grande. Houve um enriquecimento nesse sentido, com reagentes específicos de ciências, pedimos também os corantes que são caros e o bicarbonato de sódio... (Catarina Subtil, E)

Para apoiar as Expressões, que surgem nas palavras dos professores sempre de modo global, foi também importante a aquisição de muito material de desgaste, cavaletes e máquinas fotográficas para registo do trabalho desenvolvidos nas várias áreas:

Pedimos os cavaletes que nos ajudaram muito para a parte das Expressões, um por turma (...) Pedimos a câmara digital para podermos ir registando todos os momentos daquelas atividades mais significativas. (Carla Paias, E)

Máquina fotográfica que utilizamos em saídas para visitas de estudo. (Raquel Martins, E)

E, por exemplo, também com as obras literárias o que nós fizemos foi gravações, fizemos áudio livros e, portanto, foi mais um material que eu encomendei, um microfone que é super fácil... Tem um botãozinho, uma tampinha, abre-se e tem o USB. (Joana Coerver, E)

O segredo da floresta também foi apoiado pelo Mochila Leve, portanto foi essencial para conseguirmos outra parte e outra vertente artística nas nossas turmas. (Sandra Santos, E)

Num âmbito bastante diferente dos restantes, Isabel Barata referiu também o apoio que foi dado a um projeto da escola de dinamizar os intervalos:

Nós pedimos para o exterior, jogos para os intervalos para eles estarem ocupados durante o tempo do intervalo, raquetes, bolas, jogos... Porque o projeto que apresentámos, que nem fui eu que apresentei, foi a animação dos recreios. Eram os miúdos que dinamizavam. (Isabel Barata, E)

Transversal a todas as áreas curriculares surgiu a tecnologia. Pontualmente, existem professores que não conseguiram ter os *tablets* totalmente operacionais, nomeadamente, com as ferramentas do Office instaladas. Alguns desses professores acabaram por recorrer aos antigos Magalhães que ainda existem em muitas salas de aula:

Carla Paias: Tudo, inclusive os Magalhães antigos que nós ainda tínhamos e que dava um por grupo.

Marisa: Mas também tinham os *tablets*.

Carla Paias: Também tínhamos os *tablets*, os *tablets* nós foi talvez o recurso, para mim, mais difícil de usar, eu vou explicar porquê. Primeiro tivemos que pô-los todos e fazer aquelas ligações iniciais que não é fácil porque tem que se por o e-mail, tivemos que criar para 52 [alunos] e não tivemos apoio técnico, tivemos que ser nós e encontrar um tempo. (E)

No entanto, a maior parte dos docentes conseguiu ter os *tablets* totalmente operacionais no início do 2.º período e em uso pleno no 3.º período. É o caso de Catarina Subtil que teve o *tablets* operacionais em janeiro com a ajuda de um informático da Câmara Municipal de Oeiras e, por isso, ainda conseguiu tirar partido deste recurso de uma forma bastante aprofundada:

O podermos vir cá para fora, imagina, estamos assim num momento em que há uma apresentação de um trabalho e vê-se que já está tudo muito a precisar de conversar. Então, opto por agarrar no trabalho, fixamos o trabalho no *tablet* e vamos lá para fora onde podemos fazer mais barulho sem complicar o barulho dos outros, têm mais espaço. Antes eu também fazia isto, mas não podíamos levar os trabalhos como agora com o *tablet*. Tudo em conjunto, com o professor, numa pasta do *drive*, onde eles vão colocando tudo e onde eles podem aceder, tivemos a ajuda do informático. Para mim era um entrave muito grande no início ter os *tablets* e não conseguir aceder às ferramentas porque não tinha criado o domínio, não tinha o e-mail (...) (Catarina Subtil, E)

Muitos professores referem que ainda não dominam a utilização dos *tablets* para o ensino e, por isso, o sentimento geral é que ainda não conseguiram tirar partido da maior parte das potencialidades deste recurso. Este recurso foi usado, essencialmente, para fazer pesquisas e em muitos casos, também para produzir materiais a partir dessas pesquisas, como textos em Word (ou similar) e apresentações em PowerPoint. Esta utilização foi muito importante para o desenvolvimento do trabalho no âmbito das áreas curriculares de Português e Estudo do Meio:

Para produzir textos, para procurar imagens, fazer pesquisas a outros níveis, pode ser de conteúdos sim, foi basicamente isso (...) sim porque eu acho que o *tablet* pode ter muito mais potencial, para além da escrita de texto e pesquisa que foi muito o que eu fiz, escrita de texto, pesquisa de imagem, pesquisa de informação, eu acho que o *tablet* pode ter mais recursos que eu não conheço e que eu acho que era importante. (Ângela Gonçalves, E)

Além também dos *tablets*, os *tablets* também que serviu muito para o trabalho de projeto, da pesquisa... Eu cingi-me somente à pesquisa, escrita de texto e jogos didáticos. (Alberto Dias, E)

Todos os professores referem também que conseguiram explorar diversas aplicações com potencialidades para as várias áreas curriculares, como por exemplo, Khan Academy, de longe o recurso online mais referido, mas também alguns recursos dos ambientes digitais da Leya e da Porto Editora (mas não os manuais digitais), SuperTmatik, aplicações com

jogos matemáticos, bem como recursos disponíveis nos sites das associações de professores das diferentes áreas curriculares:

Sim, na Matemática usamos também uma aplicação que é o Khan Academy, também com os *tablets*, mas depois também já tinha muito material.(...) o que houve diferente é que não havia o manual físico e depois a introdução das matérias, houve muito recurso ao Khan Academy porque eu acho que é realmente um recurso fabuloso e muito bem organizado. (Joana Coerver, E)

Eles iam muito ao Khan Academy que tem muita coisa e eu dizia-lhes “vão pesquisar...”, no outro dia lembro de uma miúda disse-me “eu já não me lembro dos ângulos” e eu dei-lhe o *tablet* “procura” e ela foi ao Khan Academy, pôs lá ângulos, ouviu o PowerPoint, tinha exercícios para fazer e disse “estou a acertar tudo”, eu disse “já viste, tu já sabes onde é que vais buscar”. (Ana Gregório, E)

Olhe, centrou-se numa série de recursos, no Office, a partilha de trabalhos por e-mail, através do *tablet*... O *tablet* usado como ferramenta, como um computador com Office, o PowerPoint, o Word, o Excel, as aplicações todas que nos vão aconselhando a usar, os nossos colegas, o Geogebra, o Pordata Kids, muito bom para eles terem uma noção e trabalharem aquela parte toda dos dados. Os filmes do RTP Ensina, muito bons também. Khan Academy, muito estimulante. A Aula Digital que tem os recursos mais direcionados para os miúdos, não tanto para professor. Têm as tais sequências didáticas que eles vão ultrapassando e a possibilidade de escolha de acordo com a necessidade de cada um. (Catarina Subtil, E).

De salientar que diversos professores referem que utilizaram bastante o *tablet* para trabalhar na área curricular de Matemática porque foi a mais difícil de trabalhar sem recurso ao manual escolar:

Fizemos umas aplicações [para a Matemática], também fizemos umas de Português e Estudo do Meio, mas foi mais na Matemática, centramo-nos mais na Matemática para colmatar a lacuna que nós tínhamos. (Carla Paias, E)

Nós desenvolvíamos um bocadinho com exercícios de treino e também com algumas aplicações dos *tablets*, Supertmatik, foi muito importante eles desenvolverem preparem-se para o concurso, eles ficaram muito bem classificados, tivemos o primeiro lugar no agrupamento, portanto quer dizer que também é possível aprender assim e ter bons resultados. Isso para nós foi muito importante, o primeiro lugar do 3.º ano do agrupamento e era a única escola que trabalhava com o projeto, foi um aluno meu, foi o trabalho dele efetivamente. Foi o SuperTmatik que nós trabalhamos... o Kanguru Matemática foi o primeiro e o SuperTmatik. (Micaela Gonçalves, E)

Com menor frequência é também referida a utilização do *tablet* como máquina fotográfica:

Ah! Para tirar fotografias também. Nós íamos muitas vezes, por causa do Eco-escolas, fazer passeios pedestres e então eles faziam os registos e depois íamos saber o nome das árvores e tudo. (Isabel Barata, E).

De uma forma mais alargada, o *tablet* foi também usado como suporte ao registo de aulas em espaços exteriores:

Fazemos aulas no jardim seguindo propostas que há de um *site* de aulas ao ar livre, onde registamos imagens, o primeiro animal, ver as suas características, a espécie a que pertence, qual é a família, têm coisas muito engraçadas. (Catarina Subtil, E)

Os professores destacam não só a diversidade de materiais que tiveram oportunidade de adquirir, mas também o facto de poderem reforçar o acervo de alguns materiais já existentes para haver, pelo menos, um exemplar para cada dois alunos, o que permitiu uma efetiva utilização dos materiais em sala de aula e uma profunda exploração por parte dos alunos. Deste modo, os materiais deixaram de se servir como algo em que o professor podia exemplificar, para passarem a ser um recurso a que todos os alunos podiam recorrer durante o trabalho em sala de aula.

Então numa primeira fase nós fizemos logo o levantamento das obras de educação literária para cada um dos anos de escolaridade, falando aqui mais concretamente no 4.º ano, pedimos esses materiais, chegou um livro para cada 2 alunos e os alunos puderam manusear a obra na sala de aula. (Carla Paias, E)

Nós pedimos... a nossa escola já tinha algum material, nós pedimos coisas para complementar aquilo que nós tínhamos... [Marisa: em quantidade?] sim, para complementar, porque por exemplo os geoplanos, os pentaminós, medidas de capacidade, de volumes, material muito concreto que nós já tínhamos algum, mas de facto para complementar porque por exemplo, quando trabalhamos com geoplanos cada miúdo não tinha um geoplano para experimentar e para fazer as suas tarefas sozinho. Portanto, foi mais material para complementar aquilo que nós já tínhamos. (Carla Dias, E)

Com este potencial do trabalho individualizado enriquecido com o material que nós necessitamos de facto, sem a desculpa que só temos um para 20 [alunos] e passámos a ter, foi um enriquecimento muito bom. (Catarina Subtil, E)

O acesso a todos estes novos materiais e recursos teve, na perspetiva dos professores, uma forte influência nas suas práticas:

Sendo que as práticas que eu sinto que mudei estão muito associadas ao acesso que eu tive a materiais que de outra forma seria muito complicado ter, e por isso, pude desenvolver mais áreas que não eram passíveis de ser desenvolvidas com os recursos que tinha. Ou, pelo menos, era muito mais difícil... pudemos pensar realmente no que nós quereríamos trazer para a nossa sala e qual era o impacto que isso iria ter e de facto eu sinto que os materiais que pedi usei-os mesmo e enriqueceram, para mim foi um entusiasmo. (Joana Coerver, E)

3 Modo de trabalho em sala de aula

Sem o manual escolar a orientar as ações de professores e alunos, o modo de trabalhar na sala de aula parece ter sofrido uma grande transformação. Todos os docentes referem o trabalho de projeto como a forma dominante de trabalho durante este primeiro ano do

projeto Mochila Leve. Alguns docentes referem de forma bastante positiva que nunca tinham conseguido realizar e concluir tantos projetos com os seus alunos como este ano:

Joana Coerver: Sim, sim! Eu sinto que em relação a outros anos havia muito menos trabalhos finalizados, ou seja, se nós chegarmos ao fim e contabilizarmos, uma estatística, quantos é que nós conseguimos fazer ao longo do ano, aumentou exponencialmente esse tipo de trabalho.

Marisa: Porque era todo feito ali, não estava dependente daquele computador...

Joana Coerver: Sim, sim, todo feito ali e depois esta dinâmica, isto foi uma evolução, a dinâmica dos grupos. Para mim eu consegui melhor, foi já uma reflexão do que eu tinha antes e o que optei por fazer este ano, esta questão dos grupos fixos... não todos ao mesmo tempo a trabalhar e em diferentes áreas com uma calendarização mais organizada permitiu que nós conseguíssemos ser mais produtivos no final do ano, conseguíssemos concretizar e fechar mais projetos do que antes, eu acho que também está por um lado ligado a esta dinâmica, eu consegui aceder mais aos grupos e apoiar-los mais e eles chegarem ao fim com um trabalho feito e comunicado à turma, autoavaliado e que deu sequência para outra abertura a toda a turma, esse por um lado e por outro lado porque nós tínhamos mais recursos, nomeadamente os *tablets*. (E)

Os professores salientam que estes projetos partem, essencialmente, de interesses dos alunos a que depois dão “sentido” integrando as componentes do currículo que são passíveis de desenvolvimento em cada projeto.

Agora eles [os alunos] são mais o centro, dantes nós tínhamos um programa e era tudo assim mais rígido. Agora, se o aluno se envolve connosco, tanto pode ser Português, Matemática, não é assim fixo. Sei que tenho de trabalhar, mas não conto horas, não é rígido. (Isabel Barata, E)

Sim, projetos de turma de acordo com o Plano Anual de Atividades, o Eco-escolas, a nossa escola também tem um projeto da UNESCO, havia um projeto com uma escola da Galiza e fomos fazendo também os projetos que foram surgindo das propostas dos alunos, a partir dos quais desenvolviam então os diferentes domínios das diferentes áreas. (Catarina Subtil, E)

E também os trabalhos de projeto, acho que é muito bom, iniciar mesmo com algo que eles queiram aprender. Partir deles mesmo, partir do interesse deles mesmo “então o que é que vamos fazer?” pronto, depois a partir daí fazer e construir o material. (Ana Rita Silva, E)

Diversos professores referem que esta preocupação com o programa para cumprir nem sempre foi fácil de gerir ainda que muito “orgulhosamente” tenham conseguido ultrapassar essa preocupação constante:

Sempre partindo de um projeto em que eles de facto se focavam, ou de acordo com os conteúdos ou então com as suas vontades, os seus focos de interesse. (Amélia Almeida, E)

Mas esse que contemplou a cidade de Copenhaga não (...), foi escolhido por eles, eles é que tinham as escolhas, surgiu esse trabalho de projeto sobre Copenhaga em que eles

quiseram saber mais sobre a cidade e lançaram várias questões em redor dela, pronto, desenvolveu-se esse trabalho, esse trabalho foi o primeiro período, finalizou em dezembro, com depois, com a apresentação do trabalho aos colegas, trabalharam em grupos e depois para finalizar, depois de terem o trabalho já elaborado, uns com cartazes outros com PowerPoints fizeram a apresentação dos seus trabalhos por grupo, porque eles ficaram com 4, 5 temas cada grupo, era 5 grupos, trabalharam 4, 5 temas. (Alberto Dias, E)

Faço trabalho de projeto, são eles que pesquisam e que propõem temas que lhes interessam. Eu não “dei” o Estudo do Meio, foi tudo trabalhado a partir dos interesses deles e das pesquisas que faziam. Eles estão sempre a querer saber mais e a querer fazer mais projetos. (Isabel Barata, E)

Os projetos relatados pelos professores têm, essencialmente, origem em temas de Português, em particular no estudo de algumas obras literárias, e em temas de Estudo do Meio. Na sua perspetiva, estas duas áreas curriculares são muito fáceis de articular num projeto porque, ao fazerem pesquisas e apresentações sobre os temas de Estudo do Meio, é muito fácil incluir as competências de análise e compreensão de texto, produção escrita e até ortografia. Muitas das obras literárias apresentam também temas que são estudados em Estudo do Meio e a articulação interdisciplinar surge de forma muito natural.

O Estudo do Meio como sendo potenciador e motivador de um projeto e depois tentar integrar as outras áreas curriculares, pareceu-nos logo que as Expressões seria muito fácil, as dramatizações de algumas lendas, partes da história. Sentimos depois que a Matemática, mas isto depois já foi a avaliação final, que foi mais difícil de integrar, mas isto é a nossa avaliação porque tivemos que o fazer. No 3.º ano uma vez que é o Estudo do Meio e ia dar a História do meio local e para relacionar com isto parti da figura do Marquês de Pombal, porque também tinha alguma relação ao nosso concelho e seria interessante. Começamos este projeto a partir da leitura de um livro. (Micaela Gonçalves, E)

Duas escolas desenvolveram projetos que, partindo da leitura de livros de histórias infantis, do estudo de importantes episódios da História de Portugal, ou de parcerias com outras áreas como a Música, tiveram grande ênfase nas expressões, através da realização de espetáculos:

O projeto desenvolvido no Mochila Leve em parceria com a Música é o segredo da floresta (...) A forma como é trabalhado em sala de aula e pegando no projeto que depois tive com a turma, foi o segredo da floresta em conjunto com as expressões artísticas, tudo o que acontecia em determinada música era transportado para a Matemática, Português, Estudo do Meio, para o Teatro e para a Dança e para as Artes Visuais e para Educação Física... Para tudo! Quase como uma flexibilidade curricular, pronto, juntando tudo isso. Todo o material chegado este ano do Mochila Leve serviu muito de apoio a isso. (Sandra Santos, E)

Para Sandra Santos, a lecionar ao 1.º ano, foi fácil incluir a Matemática no projeto global que desenvolveu com a turma durante todo o ano letivo, “O Segredo da Floresta”:

Às vezes [fazíamos] mini-pesquisas e levava alguns livros e deixava lá para eles irem investigar porque o segredo da floresta tinha animais, então partimos muito dos animais, quantas patas, Matemática, pronto. Quantas patas tem uma formiga, quantas patas tem um gafanhoto... Já estamos a contar, assim coisas engraçadas que eles iam descobrindo por eles. (Sandra Santos, E)

Para Ana Gregório, que trabalhou com uma turma de 4.º ano, também não foi difícil encontrar uma forma de juntar as diferentes áreas curriculares:

Eu pegava no manual de Estudo do Meio, em que estava a dar qualquer coisa da História de Portugal e daquele texto, nós fazíamos interpretação de texto, fazíamos exercícios de ortografia, de gramática, partíamos para problemas de Matemática a partir daquele conteúdo. (Ana Gregório, E)

No entanto, foram relatados poucos projetos realizados em Matemática e vários professores salientam mesmo a sua frustração por não conseguirem articular esta área com as restantes e com o facto de, na maior parte das vezes, nem conseguirem incluí-los nos projetos que desenvolveram:

A área que eu acho que falhou mais, indo ao encontro da sua questão, foi a área da Matemática, que nos faltou aqui relacionar mais com tudo isto, tentamos aqui através das datas, dos séculos, construimos ainda uma cronologia desde a formação de Portugal até à história atual mas não houve aquele tempo de ligar mesmo os conteúdos, para mim foi a parte mais difícil, que eu acho que agora num próximo ano a continuar seria então a parte a trabalhar porque as outras áreas para mim é relativamente fácil jogar aqui. (Carla Paias, E)

Alguns docentes referem que usaram mais as aplicações do *tablet* para trabalhar a Matemática como forma de compensar esta dificuldade de integração nos projetos.

O trabalho de projeto e o facto de não existir um exemplar dos vários recursos para cada aluno, potenciou bastante a diversificação do modo de trabalho dos alunos em sala de aula. Os projetos eram, essencialmente, realizados em grupo e, depois, apresentados aos colegas.

Ana Grazina: Então é assim, sei lá, um conteúdo qualquer... Eles trabalham em grupos, os sólidos... Identificam os sólidos que têm nas mãos, têm vários *kits* espalhados pelas mesas porque eu tenho as mesas em grupo.

Marisa: Eles trabalham essencialmente em grupo?

Ana Grazina: Isto não é para todas as turmas, ou seja, os meus trabalham muito em grupo. Eu trabalho muito por tutorias e parcerias porque eu acho que os alunos têm muito mais a beber entre eles do que conosco, quando é entre eles e eu já percebi que eles retêm muito mais rapidamente e sentem-se muito mais motivados quando é o parceiro do que quando é a professora. Portanto eles partem das características dos sólidos para fazerem grupos, categorizarem, retirarem colocarem, perceberem quais são as diferenças, quais são as semelhanças e foi a partir daí nesse caso que se foram criando conceitos, portanto... errando, tentando. (E)

Sempre que se recorria às obras literárias, ao material estruturado ou aos *tablets*, era favorecido o trabalho a pares porque só existia um exemplar para cada dois alunos:

Disponibilizamos muitas obras aos alunos, dantes era mais em grupo no ecrã gigante da sala. Agora é mais a pares, nos *tablets*. Este trabalho a pares também é importante. (Catarina Subtil, E)

O trabalho individual teve também o seu tempo e o seu espaço, essencialmente, em momentos de sistematização de conteúdos nos cadernos diários ou no trabalho com os ficheiros autocorretivos ou de consolidação também muito referidos pelos docentes:

Iam, mas não trabalhavam só com os pares, havia trabalho individual, havia trabalho a pares, nós procuramos diversificar tanto os recursos como a forma como eles trabalhavam (Ângela Gonçalves)

As apresentações orais dos alunos aos colegas no âmbito das pesquisas feitas no *tablet*, dos projetos ou de assuntos do seu interesse são também destacadas como muito positivas pelos professores:

Nós delineamos várias estratégias para o ano todo, apresentação de comunicações em que os alunos todos os dias, não foi todos os dias, mas foi duas vezes por semana poderia apresentar um tema que lhes suscitasse interesse, ou um filme que vissem, um livro que tivessem lido, uma visita que tivessem feito com os pais, um museu, um teatro, eles tinham liberdade para poder fazer essas apresentações, mais ao menos de 10 a 15 minutos, não mais. (Carla Paias, E)

De modo muito entusiasmado, vários professores referem que muitos momentos de apresentação dos projetos foram também abertos à comunidade e, muito em particular, às famílias.

Com o apoio do informático que configurou os *tablets* no mês de janeiro, Catarina Subtil passou a usá-los como mais um recurso presente na sua sala de aula todos os dias. Para isso contribuiu também o à vontade que os alunos já tinham com algumas das ações que lhes eram exigidas e que a docente refere terem adquirido na disciplina de programação disponibilizada pela escola:

Temos a Informática também, eles têm uma disciplina de programação, com Scratch que ajudou muito com o trabalho depois com o PowerPoint, com o word, o guardar, o partilhar... É muito apropriável porque aquilo apesar de ser programação e de eles aprenderem programação, dar ordens lá no cenário... Os diálogos, tudo, potencia muito depois para o trabalho que tem de ser guardado, partilhado, compactado, depois temos de saber onde é que ele ficou guardado para ir buscar. Uma coisa vai potenciar a outra. (Catarina Subtil, E)

Uma grande transformação no modo de trabalhar em sala de aula é relatada também pelos docentes que decidiram integrar nas suas práticas diárias os vários instrumentos do MEM como os Planos Individuais de Trabalho (PIT):

Mudou, mudou, porque eu além de termos o chamado plano individual de trabalho que cada um tinha o seu plano e o tinha no caderno, nós tínhamos um plano também de sala onde registávamos os trabalhos e as áreas que íamos trabalhar ao longo da semana, tínhamos um plano na sala de aula para todos poderem fazer o registo das atividades que estavam a trabalhar. (Alberto Dias, E)

Eu já conhecia antes, já tinha aplicado em algumas turmas, mas nunca como apliquei de facto este ano, toda a dinâmica da sala fez com que eu própria fosse sentindo necessidade de avançar mais nisto. (Carla Dias, E)

Fiz a formação do MEM, pronto, isso é que é novo. Aí é que foi uma inovação para mim porque eu nunca tinha trabalhado com o MEM. Experimentei tudo. Pronto havia umas que resultavam e outras que nem por isso. Os PIT eu já tinha ouvido falar, mas nunca tinha metido em prática. Nunca tinha experimentado este trabalho de diferenciação tão individualizado (...) muito com a ajuda deles, mas consegui introduzir tudo. (Isabel Barata, E)

Outra coisa que eu mudei na minha prática, que eu não conhecia de tudo e isso foi com a ajuda da professora Ana Abrantes, da formadora, foi com o MEM, portanto o termos uma bancada de ficheiros, o tempo de estudo autónomo, o PIT que é o plano individual de trabalho, que não tinha conhecimento de todo. Apesar do movimento ter começado na Zona Norte eu não tive essa formação. Aí sim, isso mudou muito a minha prática, os miúdos adoraram o tempo de estudo autónomo, que eu achava que não era possível e eles conseguiram trabalhar autonomamente. (Ana Rita Silva, E)

Um aspeto também bastante saliente no discurso dos professores é a preocupação com a avaliação formativa dos alunos. Quase todos os docentes referem que alteraram a forma de avaliar os alunos.

Quando eu comecei a desmembrar esta historia da avaliação e passar-lhes que a minha preocupação era o trabalho diário e a evolução que o aluno ia fazendo, que a avaliação não é um objetivo, é um meio para... A avaliação para mim e o agrupamento está cada vez mais nesta linha, a avaliação não pode ser sumativa, tem que ser formativa e tem que cada vez mais fazer sentido aos meninos, eles perceberem onde é que estão falhar, o que estão a fazer, o que podem fazer para melhorar, este feedback tem que ser constante, diário, formativo e não é aquele bicho, aquele papão que nós tínhamos de “ai vou ser avaliado...” (Ana Grazina, E)

Apesar de, em muitos casos, os docentes referirem as fichas de avaliação sumativa, especialmente, as que são impostas e iguais para toda a escola e/ou agrupamento, muitos são também os que referem ter passado a usar “questões aula” e minifichas de avaliação reguladora que os alunos vão realizando em sala de aula, com o principal objetivo de compreenderem as suas próprias necessidades e elaborarem os seus PIT's ou, simplesmente, selecionarem os temas em que precisam trabalhar mais.

Alberto Dias: Fazia então, fazia o seguinte, eles eram avaliados também e eram avaliados com questões de aula que abordavam um determinado tema ou 2 temas no máximo, portanto eu dava a matéria... mais repartido, e que resulta muito, não compilar tudo, chegamos ao período e damos aquilo tudo, não, eu fui partindo ao longo dos períodos, portanto trabalhava uma temática, aplicava passado uma semana, 5 a 6 dias aplicava essa questão de aula, que é um testezinho mais pequenino e eles iam trabalhando e eu ia vendo mais pormenorizadamente as dificuldades que cada um tinha de maneira depois a tentar...

Marisa: Remediar...

Alberto Dias: Exatamente, isso foi também algo de inovador e essas questões de aula também, os encarregados de educação tinham acesso, que eu enviava para casa para eles tomarem conhecimento.

Marisa: Claro.

Alberto Dias: E verem o trabalho que eles iam fazendo, os pais estavam sempre a par de tudo o que se passava na sala de aula, portanto isso foi outro aspeto inovador, as questões de aula. (E)

Outra professora destaca como o uso do PIT favorece a realização de uma avaliação formativa:

Outra coisa completamente diferente foi esta avaliação dos PITs, que eu nunca tinha trabalhado com o PIT e quando eu começo realmente a dar o feedback aos meninos a avaliação era completamente diferente e eles faziam também a heteroavaliação, e eu nunca tinha feito isso e é tão engraçado que eu disse “como é que é possível?”, no início eles imitam-nos um bocadinho, o nosso discurso, mas passado algum tempo quando nós trocamos as voltas e dizemos assim “então o que é que tu achaste disto do teu colega?” e eles começam a dizer as coisas... Até as palavras tão perfeitinhas, eles dizem as coisas tão bem ditas... Realmente aqui na parte da avaliação, ou seja, o eu ter um programa que me permitia avaliar os meninos diariamente e na altura quando eu implementei o PIT esta hétero avaliação, que não existia, também acho que foi uma mais valia na minha prática (Ana Rita Silva, E)

Alberto Dias refere que, em colaboração com a colega que trabalha no âmbito do projeto, tiveram oportunidade para reorganizar a sua componente letiva, ficando responsável por lecionar Estudo do Meio na turma da colega e a sua colega por lecionar Matemática à sua turma:

Alberto Dias: Só há aqui um pormenor que eu não referenciei e vou aproveitar agora para referenciar que é o seguinte, nós este ano letivo, eu com outra professora, nós decidimos, portanto ela tinha o 3.º e eu tinha o 4.º, nós decidimos e foi aprovado pela direção da escola em que eu trabalhei com o 3.º ano a área de estudo do meio e a minha colega trabalhou a área da matemática com o meu 4.º.

Marisa: Fizeram umas parcerias.

Alberto Dias: Fizemos. Foi essa situação, também surgiu com o projeto, tivemos essa ideia e que até foi (...) resultou muito bem essa parceria. (E)

Alguns professores referem também que passaram a ter uma nova perspetiva sobre o contexto de aprendizagem dos alunos, considerando espaços exteriores à sala de aula:

Acho que trabalhei mais noutros contextos, por exemplo no recreio, fiz aulas de Matemática, Estudo do Meio, Português no recreio, acho que isso foi uma das mudanças, acho que se calhar foi essa... (Ângela Gonçalves, E)

4 Planificação

A mudança substancial nas práticas de sala de aula dos docentes, teve também reflexo nas suas práticas de planificação. Vários docentes referem que passaram a planificar as suas aulas, ou pelo menos, a estrutura da semana com um ou vários colegas. Sentiram esta necessidade por estarem integrados no projeto pela inexperiência de trabalhar sem manuais, era necessário interpretar e conceber o trabalho de sala de aula de modo diferente e se o fizessem em conjunto tornava-se mais fácil. Por outro lado, a planificação em conjunto permitia também a divisão de tarefas entre os docentes, dado que, como referem, foi um ano muito árduo porque foi necessário produzir muitos materiais totalmente novos:

Eu senti que ia ter muito trabalho e tive. Nós estamos habituadas a ter ali um recurso. E o que eu senti também, como nós tivemos ali logo os *tablets* é que nós tivemos que fornecer muito material aos meninos, porque os pais estavam muito na dúvida, portanto os miúdos estavam habituados a ter manual. Não ter qualquer tipo de suporte em papel para estudar estava a ser difícil. Os primeiros meses eu e a Ana trabalhamos muito e consumimos muitas fotocópias. Nós tivemos que investir muito em suporte papel para os miúdos estudarem, principalmente a Estudo do Meio porque no 4.º ano o programa é extenso, temos a parte toda da História de Portugal. Nós tivemos ali semanas e semanas de trabalho, todos os fins de semana tínhamos que digitalizar imagens, tínhamos que ir procurar, porquê? Porque nós não conseguíamos fazer pesquisas com os meninos, mais para o final, quando nós realmente já tínhamos os *tablets* isso aconteceu, até porque depois tivemos a formação e eu consegui fazer trabalho de projeto na minha sala, os meninos começaram a ficar muito mais autónomos e eles próprios começaram a criar os seus materiais, principalmente a Estudo do Meio conseguiram fazer qualquer coisinha. (Ana Rita Silva, E)

Assim, vários professores indicam que se juntavam uma vez por semana com os colegas para elaborar uma grelha semanal com propostas de trabalho a fazer aos alunos e distribuir a sua produção entre si:

Ângela: Menos rico, porque a ideia neste projeto não era substituir o manual por fotocópias de livros e essa é uma diferença muito grande... ter diferentes recursos e fazer esta articulação entre todas as áreas, isso não está nos manuais. Não é pegar no manual “ah isto tem exercícios bons, tira fotocópia”, não foi isso que

nós fizemos e isso faz logo diferença, eu acho que aqui foi mesmo muito importante este trabalho colaborativo senão não sei se...

Marisa: Estavam as duas a fazer a mesma formação?

Ângela: Fizemos a mesma formação.

Marisa: Foi aí que começou o trabalho colaborativo?

Ângela: Não, não, foi organização nossa pelo Projeto Mochila Leve.

Marisa: Mas só porque estavam no projeto começaram a trabalhar em conjunto, a formação foi depois um complemento a esse trabalho já em conjunto?

Ângela: Sim, sim.

Marisa: Ótimo, muito bom. Significa que para além da formação então, conseguiram quebrar as pontes... as escolas são do mesmo agrupamento?

Ângela: Reuníamos-nos uma vez por semana. Estas eramos só nos as duas. (E)

Os professores que integraram as orientações do MEM, ou que decidiram focar a sua abordagem mais nos interesses dos seus alunos, referem que a planificação passou a ser mais fluída. Alguns docentes referiam que apenas planificavam os temas do currículo que consideravam ser necessário abordar naquela semana e depois colocavam à consideração dos alunos a melhor forma de abordar cada um dos temas:

Eu não faço planificação diariamente porque quem faz são os meus alunos. Eu tenho uma ideia daquilo que tenho de fazer ao longo do mês e eles trazem sempre alguma coisa nova. Nós fazemos também a agenda semanal que nem sempre se cumpre. Porquê? Porque a Madalena hoje trazia um livro e pronto, lá se foi o planeamento! Eles trazem sempre alguma coisa para a sala sobre o qual querem falar, quer seja um livro, uma planta, um animal... A partir daí eles apresentam à turma e eu direciono. (Isabel Barata, E)

Os docentes não sentiram restrições para cumprir a planificação, e referem que partiam maioritariamente dos interesses dos alunos e depois iam integrando os conteúdos curriculares nos projetos desenvolvidos.

No entanto, para alguns docentes a preparação das aulas e a planificação passou a ser mais exigente:

Completamente, em termos de recursos pesquisados, usei muito mais tempo do que usava para planificar, porque como antes eu tinha de usar o manual, ou livros de fichas, às tantas a minha planificação dizia "página x", era um bocadinho isso que me orientava mesmo... Mas eu não posso dizer que perdi tempo, porque eu acho que ganhei muito mais do que perdi. Usei mais tempo para planificar e eram planificações mais pormenorizadas. (Ana Gregório, E)

Para além de demorar mais tempo a planificar, esta docente refere também que, para poder dar resposta às propostas de trabalho feitas pelos alunos, tem de dominar sempre a planificação anual:

Eu descobri que consegui improvisar porque às vezes as questões surgem e há conteúdos que surgem que eu não posso dizer “olhem isso é só no 3.º período”, surge e a coisa tem de andar, tem que andar para a frente, temos que fazer acontecer naquele momento... Portanto, nós tínhamos que ter o programa todo, já uma ideia até ao final do ano, do que nós íamos fazer, porque este projeto, uma coisa que foi muito boa, é dar-me gestão da organização da planificação anual. (Ana Gregório, E)

Vários docentes referem um grande constrangimento na forma de planificar as suas aulas pela imposição de fichas de avaliação comuns a toda a escola e/ou agrupamento, em particular, quando a maior parte das turmas não estava envolvida no Projeto Mochila Leve e continuava a seguir os manuais escolares. Por isso, apesar de quererem corresponder mais aos interesses dos alunos, acabavam por guiar-se muito pelos temas que iam ser avaliados em cada ficha de avaliação:

Não me podia deixar perder dos outros. Porque depois aquilo que nós temos e que eu gostaria muito de mudar este ano, são aqueles testes e aqueles conteúdos que são iguais para todos, não é? Nós temos o perfil do aluno para o 1.º ano, para o 2.º ano...quando devíamos ter um perfil do aluno à saída do 1.º ciclo...e, de acordo com esse perfil, fazer então o aconchego do programa e ao longo do ano letivo abordar aquilo que, na realidade, eu acho que vai sendo produtivo para a aprendizagem que o aluno e o grupo estão abertos a fazer. Sem estar preocupada porque daqui a um mês eu vou ter que avaliá-los naqueles domínios todos quando eu só trabalhei aqueles que não são para avaliar agora. Uma alteração na avaliação, faz-me falta. Nesta modalidade, nesta metodologia não pode haver bulas. (Catarina Subtil, E)

Algumas docentes referiram que conseguiram contornar essa situação. Por exemplo, Ana Gregório refere que deixou de fazer o teste de ano do agrupamento:

E nós fazemos, supostamente, testes iguais por ano de escolaridade, as fichas sumativas são iguais no agrupamento, naquele ano, naquela disciplina e eu às tantas chegamos ao final do 1.º período “olha eu não posso fazer o teste igual ao vosso, porque eu não dei isto que vocês deram e já dei aquilo que vocês só vão dar não sei quando” portanto, tínhamos que adaptar e aí foi muito versátil e conseguimos fazer ali umas manobras que me davam muito gozo, porque iam ao encontro daquilo que os miúdos pediam. (Ana Gregório, E)

Já Isabel Barata conseguiu mudar esta prática do agrupamento de forma parcial, “Eu e a minha colega conseguimos fazer diferente, ficámos apenas com um teste comum por período” (E). Apesar de limitar um pouco na ordem pela qual tinha de seguir o programa, para esta docente, estes testes comuns são bons para monitorizar o seu próprio trabalho e as aprendizagens dos seus alunos, por comparação com as restantes turmas da escola “não

foi mau porque deu para ver como é que os meus alunos estavam em relação com as outras turmas”. (Isabel Barata, E)

5 Impacto na aprendizagem dos alunos

Quando questionados sobre a influência do projeto nas aprendizagens dos alunos, nenhum professor refere conteúdos específicos ou níveis atribuídos no final do ano letivo. Neste ponto, os professores aproximam-se dos objetivos definidos pelo projeto, referindo aspetos transversais e do envolvimento dos alunos. Segundo os docentes, a diversificação de recursos fez com que os alunos passassem a reconhecer que o conhecimento existe em diversas fontes, a desenvolver a capacidade para o selecionar de modo mais crítico para o transformar e apresentar aos colegas de modo apelativo e interessante:

[Desenvolveram a capacidade] de improvisar e de fazer nascer; capacidade de pesquisar, capacidade de transformar as suas pesquisas, tornar o português mais simples; capacidade de trabalhar em grupo; a colaboração; o trabalho de equipa, obviamente até a capacidade de eles irem procurar; acho que essa foi mais uma competência que eles desenvolveram, capacidade de autonomia e de estudo, maior capacidade de estudo, de procurar informação. (Ângela Gonçalves, E)

Foi engraçado que no final do ano eu tentei fazer um balanço com eles, perguntei-lhes o que é que eles tinham achado, se era melhor assim ou não e uma das coisas que me disseram foi “eu agora já sei onde é que vou buscar aquilo que eu quero saber” e portanto, isto é importante, eles têm que saber pesquisar, têm que saber selecionar. (Ana Gregório, E)

Os professores referem ainda que inicialmente este processo não foi fácil para os alunos que procuravam a constante validação do “manual” e do professor.

Às vezes eu sentia isso por parte dos alunos, alguma insegurança, eles sentem aquela segurança do manual, está lá tudo. (Joana Coerver, E)

Pelo seu lado, a valorização dos interesses dos alunos e a oportunidade para partilhar conhecimento, para propor temas e tarefas para explorar na sala de aula transformou de modo muito significativo o envolvimento dos alunos na sua própria aprendizagem e nas aulas em geral. Os alunos sentiam-se felizes e valorizados e gostavam de aprender, diz a maior parte dos docentes. A necessidade de procurar informação em várias fontes favorece também a capacidade dos alunos articularem também diferentes saberes e o conhecimento apresentado em diferentes representações e formatos:

Um envolvimento muito maior; agora são eles próprios os construtores da sua aprendizagem, portanto são muito mais ativos, muito mais participativos, estão muito mais envolvidos naquilo que é a escola; é sobretudo o saber fazer, o ir à procura das coisas, tem uma determinada para fazer, uma determinada dificuldade... Não sabem mas arranjam maneira de fazer. (Carla Dias, E)

Esta liberdade toda fez com que os miúdos estivessem muito mais felizes, por virem para a escola e por estarem a trabalhar. Como não há aquela coisa de agora temos de fazer isto ou aquilo, não, são eles próprios é que querem, estão mais motivados e são eles próprios que querem saber mais. (Isabel Barata, E)

Apesar de nunca se referirem diretamente à capacidade de comunicar dos seus alunos, todos os professores referem os momentos de apresentação de trabalhos como uma atividade muito interessante das suas “novas aulas” e que os alunos estão muito mais extrovertidos e disponíveis para interagir, negociar e partilhar com os seus colegas:

Capacidade de falarem perante o outro, de se expressarem, de defenderem aquilo que querem, aquilo que gostam, aquilo que escolhem, de saber ouvir, que é muito importante, dar a palavra ao outro, aceitar, apesar de não ser essa a sua vontade. Aceitar e participar com gosto. É darmos a oportunidade de estarmos um bocadinho uns com os outros. (Catarina Subtil, E)

Uma maior incidência de trabalho a pares e em grupo na sala de aula tem tido também um impacto bastante positivo no desenvolvimento das relações sociais entre os alunos, que, segundo os professores, trabalham agora colaborativamente de modo muito mais natural, respeitam os colegas, empenham-se na construção coletiva dos projetos e do seu próprio conhecimento, respeitam as opiniões dos colegas, e ouvem os outros sem julgar e sem se ofender. Pontam, por exemplo, a capacidade de “não julgar, mas sim apoiar mediante o trabalho que faziam dois a dois” (Alberto Dias, E); “o saber ouvir os outros quando se trabalha em grupo, o saber ouvir opiniões” (Carla Dias, E) e também “respeito, no perceber que as nossas reuniões são momentos importantes de discussão e de construção de saber e que a opinião deles é importante, que a opinião deles é válida e que conta”. (Sandra Santos, E).

Com muita satisfação, todos os docentes referem que os seus alunos se mostram muito mais autónomos, quer a propor temas que gostavam de explorar, formas de trabalho, projetos que gostavam de desenvolver, quer na procura da informação necessária, consultando com destreza e à vontade a internet, os livros, dicionário, os colegas, o professor ou as famílias:

Autonomia obviamente, criatividade sem dúvida e a motivação de mostrar, porque depois nós trabalhávamos e eles mostravam, davam a aula sobre aquilo que tinham investigado e o sentirem-se eles próprios estar à frente dos colegas e mostrar aquilo que tinham feito,

foi espetacular. Não há dúvida que na autonomia eles cresceram imenso. (Raquel Martins, E)

Eles são mais autónomos e são seres mais pensantes, eles percebem, eles já inquirir, eles querem saber, às vezes ficamos ali... Em vez de avançarmos. (Ana Grazina, E)

O trabalho com os PIT permitiu que [os alunos] desenvolvessem autonomia para saberem as suas próprias dificuldades. Eles próprios sabiam em que clubes se deviam inscrever, (Isabel Barata, E)

É por isso que eu digo, aquilo que os meus alunos desenvolveram mais foi a autonomia, ficaram extremamente autónomos e com muita vontade de fazer. (Ana Rita Silva, E)

Para alguns professores, foi também visível uma grande evolução na capacidade dos alunos para usar as novas tecnologias, em particular, as ferramentas associadas ao *tablet*:

Mas realmente aquilo que eu posso dizer, adquiriram competências que não as tinham, a destreza digital é muito grande, é uma diferença muita grande, meninos no 4.º ano que já sabem fazer PowerPoints, só não os conseguia pôr a fazer as animações, de resto tudo, tamanho da letra, formato, fizeram aquilo tudo. portanto, as competências digitais evoluíram muito, em termos de autonomia também. (Ana Rita Silva, E)

6 Feedback dos encarregados de educação

Muitos professores referem que os encarregados de educação ficaram apreensivos no início do ano letivo relativamente às aprendizagens dos seus educados e, em particular no que respeita à forma como os podiam apoiar a estudar em casa:

O 4.º ano foi completamente tranquilo, o 3.º ano tivemos algumas dúvidas mas que depois com o decorrer do ano foram aceitando. (Carla Paias, E)

Fizeram muitas perguntas no início, mas depois, nos primeiros 15 dias perceberam, bastaram 15 dias para eles entenderem. (Pedro Costa, E)

Para fazer face a esta preocupação dos encarregados de educação, os professores referem que reforçaram a comunicação com eles por várias vias, “tudo sempre foi clarificado com os encarregados de educação...” (Alberto Dias, E) sendo a mais significativa o caderno diário onde os alunos registavam todo o trabalho feito na aula. Assim os alunos podiam estudar em casa e os encarregados de educação podiam acompanhar o trabalho que estava a ser realizado na escola:

Ângela Gonçalves: Houve uma mãe que disse tinha sido muito mais leve acompanhar os filhos, até porque quando iam ver os apontamentos eles sabiam tudo o que estava nos apontamentos, porque eles participavam neles, de facto foi mesmo... Acho que no caso das nossas turmas foi mesmo uma mais valia (...) a mãe disse “mas

para nós também foi mais leve porque eu sabia exatamente aquilo que o meu filho estava a trabalhar e foi mais fácil depois acompanhá-lo no estudo”

Marisa: Estava lá tudo sistematizado.

Ângela Gonçalves: Com esquemas, os apontamentos...

Marisa: O essencial que eles precisavam...

Ângela Gonçalves: Exatamente, 100% sumo, sem o resto... (E)

Numerosos outros professores sublinham igualmente a importância do caderno como meio de comunicação com os encarregados de educação:

O caderno foi sempre um instrumento muito importante para organizar o estudo, até mesmo para os pais, eles podiam levar para casa o caderno para os pais poderem ver aquilo que eles iam fazendo ao longo do dia (Carla Paias, E)

Perfeitamente porque a família tenta apoiar o melhor que pode e o terem um recurso, um suporte, é o que os ajuda a ver mais ao menos o que é que está a acontecer e não havendo o recurso do livre ficam também ali numa parte mais insegura, mas eu acho que isso foi sendo (imperceptível) ao longo do ano porque eu aumentei também o número de comunicações com os pais e ia explicando muito as coisas, no início do ano, a meio do primeiro período, eu expliquei ali umas dinâmicas que iam acontecer e eu respeitava muito as calendarizações ou as dinâmicas, para que eles fosse ganhando essa segurança, nomeadamente a questão das avaliações semanais e do que ia acontecer naquela semana era muito comunicado aos pais, não por mim, porque eu expliquei que eles também no 4.º ano implica um amadurecimento e autonomia. Eles foram ganhando autonomia de registar muitas coisas e isso foi um processo construtivo, mas eu notei que houve ali uma instabilidade inicial face à ausência dos manuais. (Joana Coerver, E)

Eu tinha desafios de fim de semana e no desafio de fim de semana começava sempre “caros pais, uma semana fantástica, fizemos isto, isto, isto, agradeço isto, isto, isto, para a semana penso que era bom fazermos isto, isto, isto, obrigada pelo vosso apoio. No final da próxima semana encontramos-nos”. Todas as semanas eu enviava um texto para os pais, do resumo da semana, foi uma maneira que eu encontrei de... Liam ou não liam, tudo bem, alguns não se calhar, não interessa, mas era o meu compromisso com eles! Eu escrever o que é que acontecia durante a semana. (Sandra Santos, E)

Uma das coisas que tivemos que fazer, que eu fazia antes, mas que este ano foi mesmo imperativo fazer e a colega fez também, era duas semanas antes dos testes era enviado para casa, nós funcionávamos com os pais por e-mail, enviávamos para os pais a calendarização e os conteúdos que iriam ser abordados em cada ficha de avaliação, Português, Matemática e Estudo do Meio... Enviamos uma gramática digital para eles também terem acesso, porque havia muita coisa que obviamente os pais já não se lembravam... Eles tinham um caderno de estudo, onde passavam a informação, principalmente de História era muita coisa. Portanto, estávamos um bocadinho a par e passo também com os pais. (Ana Gregório, E)

Levavam o caderno diário, ou o dossier. Mas também recursos online, porque os recursos estão lá para eles [usarem]. Eu sugeria coisas como, olha logo à noite podiam ver aquele filme da Dona Leonor ou fazer aquele desafio do Khan Academy que foi tão difícil. (Catarina Subtil, E)

Digamos que sim, quando eu cheguei já havia um caderno de estudo... Tudo o que era informativo iria para esse caderninho. O que é que eu senti? A Estudo do Meio não dava,

só Estudo do Meio iria ocupar o caderno todo porque eram muitas folhas, então o que é que eu fiz? Eu fiz um portfolio com os alunos, eles tinham realmente um dossiê grande onde iam colocando as fichinhas de trabalho. Eles levavam esses documentos, levaram sempre, todas as semanas eles podiam levar e eles [encarregados de educação] ficavam a perceber e eles disseram que de facto conseguiram acompanhar a matéria. Também facultávamos aos pais, enviávamos muitas vezes PowerPoints, ou seja, que nós temos acesso, dos professores, imaginemos trabalhamos os ângulos vai um PowerPoint dos ângulos, trabalhamos algum tipo de texto, lá vai esse tipo de texto e também foi uma grande ajuda. (Ana Rita Silva, E)

Apesar de devidamente informados sobre a não utilização dos manuais na escola, muitos encarregados de educação adquiriram-nos na mesma através do cheque oferecido pelo Ministério da Educação:

Tive sim, houve pais que no âmbito daquela plataforma do ministério de ir buscar livros no início, é normal que tivessem receosos e não foram todos, houve só meia dúzia que foram buscar os livros. Os livros vieram em branco e agora quando nós tivemos que lhes pedir os manuais para entrega estão em branco, há um ou outro que tem uma página feita, mas eles estão todos em branco. (Ângela Gonçalves, E)

Apesar de terem os livros em casa, porque eles pediram, mas se tive dois ou três que usaram os livros, foi muito. Porque eles entregaram-me agora os livros todos impecáveis. Ou seja, eles não sentiram necessidade de usar o manual escolar. (Isabel Barata, E)

Dessa forma, alguns encarregados de educação consultavam os temas trabalhados no caderno diário e depois faziam acompanhamento ao estudo através dos manuais. Alguns professores referem também que enviavam periodicamente um e-mail aos encarregados de educação com informações sobre o trabalho que estava a ser realizado na escola:

Eu faço muito por e-mail ou WhatsApp, eles criaram um grupo e sempre que tinham dúvidas lá mandavam (...) Os pais são muito atentos, mas eu dou muita informação por e-mail e eles também podem consultar o INOVAR onde nós colocamos muitos registos. Eles acompanham tudo pelo INOVAR. (Isabel Barata, E)

Numa escola foi ainda criado um blog para os pais e encarregados de educação acompanharem os trabalhos dos seus educandos:

Depois tivemos um blog que criamos logo no início do ano para divulgação de todas estas atividades para a comunidade escolar, para os pais praticamente, em que os pais podiam acompanhar tudo aquilo que os seus filhos fossem fazendo na sala de aula. (Carla Paias, E)

A maior parte dos professores salienta também que quase não eram enviados trabalhos de casa, o que fazia com que os encarregados de educação também estivessem mais tranquilos, pois já não lhes era exigido diariamente que dominassem os conteúdos das várias áreas curriculares:

Exatamente, lá para meados de janeiro já começam todos a fazer o seu próprio registo diário e essa questão é importante, fazer o registo no início do dia e no final do dia também, depois avaliamos como é que correu o dia e o que é que eles fizeram, como resumo. O acompanhamento dos pais é estritamente pelo caderno, claro que eventualmente podem ir alguns trabalhos para fazer em casa, mas por norma não há trabalhos de casa, o acompanhamento é ver o que é que eles fizeram. (Pedro Costa, E)

Esta comunicação regular e os sucessivos convites para irem conhecer os projetos que os seus educandos estavam a realizar rapidamente cativou os encarregados de educação que passaram também a apreciar o projeto:

E a partilha com a família, das pequenas coisas... Portanto eu acho que mais do que eles estarem a ver os livros, os cadernos, se já está tudo, é virem à escola, à sala... Noutros momentos que não seja na festa final, esta partilha faz com que eles se impliquem mais no processo. Eu acho que isso é muito importante. (Joana Coerver, E)

Alguns professores referem que os pais entendiam o projeto Mochila Leve como o projeto dos *tablets*, existindo uma enorme expectativa em relação à sua utilização:

Sim, sim, os pais na última reunião, agora de 3.º período, falaram muito nisso, eles estão rendidos ao projeto. Eles acham que de facto... No início do ano o projeto mochila leve era o projeto dos *tablets*, eu deixei de ouvir isso... Deixou de ser o projeto dos *tablets*. A mochila leve passou a ser um método de trabalho para eles, um método de ensino, eles disseram que foi muito mais fácil acompanhar os filhos... (Ângela Gonçalves, E)

Uma professora relatou uma grande ansiedade nos encarregados de educação com o tempo que os *tablets* demoraram a chegar à escola.

Apesar de alguns constrangimentos e ansiedade inicial, no final do 1.º período, os encarregados de educação já estavam todos bastante tranquilos, já tinham compreendido que o trabalho sem manuais estava a resultar e que, muito em especial, os seus educandos estavam muito mais entusiasmados e gostavam mais de ir para a escola:

Os pais confiaram porque não houve retrocesso nas aprendizagens. Não houve quem tenha baixado nas menções nos vários tipos de avaliação. Os vários instrumentos usados nunca mostraram uma descida de motivação, nem de capacidades, nem de aquisição de conhecimentos, bem pelo contrário. Não havendo esse revés, também nunca houve dúvidas. (Catarina Subtil, E)

Segundo os professores, no final do ano letivo o feedback dos encarregados de educação foi muito positivo e alguns pediam, inclusivamente, que os seus educandos e professores continuassem no projeto no ano letivo seguinte:

Sim, sim, os pais na última reunião, agora de 3.º período, falaram muito nisso, eles estão rendidos ao projeto. (Ângela Gonçalves, E)

7 O papel da formação

No que diz respeito à formação, verificamos que alguns professores sentiram necessidade de fazer mais do que uma oficina, procurando mais alguma segurança e apoio no desenvolvimento do projeto Mochila Leve. Todos os docentes valorizam a forte ligação à prática das formações oferecidas pelas três instituições e sentem que lhes foram proporcionadas oportunidades para experimentar novas práticas com forte acompanhamento dos formadores:

O ponto mais forte [foi] no sentido de eu poder pôr em prática tudo aquilo que ia aprendendo ao longo [do ano]... (Alberto Dias, E)

É assim, eu gostei bastante da formação e teve implicações logo práticas na minha sala de aula porque tudo aquilo que nós fomos trabalhando na formação foi implementado na sala. (Joana Coerver, E)

A das ciências experimentais foi uma coisa muito prática, foi uma coisa muito interessante porque as ciências experimentais não são de todo um área em que eu esteja muito à vontade e portanto serviram muito para eu “espera lá que isto até é muito giro, muito interessante e eu tenho que fazer mais coisas destas e tenho que procurar mais coisas para os meus alunos fazer” e como foi uma coisa muito prática, nós experimentávamos ali, discutíamos e depois aplicávamos em sala de aula foi bastante útil. (Carla Dias, E)

Um segundo aspeto positivo destacado pelos docentes, em particular os que fizeram estudos de aula, é a possibilidade de refletirem sobre as suas práticas e sobre o ensino e aprendizagem, algo que não fazem com a regularidade que gostariam:

O facto de nós termos ali um tempo para reflexão é muito daquilo que nos falta no dia a dia da escola e para olharmos... vir alguém de fora e olhar para as respostas dos nossos alunos e analisa-las faz-nos pensar assim “ah que engraçado não tinha visto assim” e às vezes nós já estamos tão minados pelas (imperceptível) porque acabamos por tê-las e pelas dificuldades que eles têm, que não conseguimos sair fora e ver a outra perspetiva. Isso foi super interessante e faz-nos às vezes, nós também precisamos desses cliques e foi muito interessante também ver: ora nós queríamos chegar ali, qual vai ser o caminho ideal que nós vamos usar para chegar ali? Como é que vamos fazê-los entender que existe o oxigénio e que o oxigénio faz parte... Esmiucar estes conceitos todos, com uma sequência (...) foi muito interessante isso. (Joana Coerver, E)

A formação levou-nos a refletir sobre alguns aspetos, nomeadamente a olhar para as planificações que fazemos, olhar para elas de outra forma, de uma forma diferente. A questão de discutirmos em grupo, discutirmos em grupo a preparação que fizemos do estudo de aula foi muito proveitoso mesmo e a reflexão que se fez depois também, porque de facto permitiu que entendêssemos alguns aspetos que de outra forma seria impossível, porque estamos sozinhos não é? Dentro da sala e há aspetos que escapam sempre, então havendo esta reflexão sobre um determinado assunto e sobre um determinado plano que foi feito, foi muito proveitoso, nomeadamente na questão de antecipar possíveis

dificuldades, esse é um exercício extremamente difícil e tem que ser mesmo... Tem que ir sendo construído ao longo dos anos, lá está, mais uma vez, se for individual é extremamente difícil, se for em grupo é menos. (Pedro Costa, E)

Por fim, alguns docentes salientaram ainda a proximidade e a colaboração entre os grupos de formação como um dos aspetos positivos da formação:

Eu normalmente até sou muito nervosa quando tenho que fazer uma comunicação para os meus pares, porque uma pessoa habitua-se tanto a fazer com os alunos, depois para os pares é diferente... E não senti essa pressão, foi muito engraçado porque foi mesmo uma equipa e isso é que eu acho que foi uma grande mais valia, foi muito reforçado esta questão do “não, isto é uma aula”, no caso vai ser na minha sala mas “isto é um trabalho de todos nós”. Foi muito interessante, nunca tinha tido essa abordagem. (Joana Coerver, E)

A relação também que havia também entre as formadoras e o grupo de professores contribuiu muito... Criou-se ali um espírito muito colaborativo entre todos e isso foi bastante positivo. (Carla Dias, E)

Um aspeto positivo desta formação, salientado por Sandra Santos é a abordagem multidisciplinar dos formadores:

A partilha foi importante, nós tínhamos momentos de partilha das várias escolas dos projetos, isso é importante porque é muito bom nós ouvirmos as outras ideias e nós pensamos que tudo só se passa ali no nosso núcleo e não. É muito importante ver as ideias dos outros. Eu gostei muito daquela coisa de estar um representante de cada área dos formadores, estava um de Português, um ligado à Matemática, outro ligado mais às Ciências, só faltava lá Artes. Gostei muito disso. (Sandra Santos, E)

No entanto, quando questionados sobre a influência da formação nas suas práticas, as reações dividem-se bastante. Para Sandra Santos, a formação em metodologia de projeto, ajudou-a a organizar o seu conhecimento e experiência da prática em termos teóricos:

Eu escolhi aquela de trabalho de projeto porque de todas as dinâmicas que eu tenho e que soube e que faço diariamente, falta-me uma parte teórica que eu sou terrível para a teórica, mas falta-me sempre uma base teórica que me fundamente um bocadinho o caminho e nesse aspeto a formação que tive ajudou. Ajudou nesse caminho e deu-nos alguns exemplos. (Sandra Santos, E)

Diversos professores sentem que a formação foi fundamental para as mudanças na sua prática, em particular os docentes que adotaram a metodologia do MEM. Considerando que é uma metodologia muito específica, os professores sentem que o apoio da formadora e as visitas que fez às suas salas de aula, foram determinantes para que conseguissem passar a usar os PIT's e os ficheiros autocorretivos com os seus alunos:

Claro sem dúvida, a formação foi muito importante para essa implementação em sala de aula, se não tivesse essa formação talvez não conseguisse implementar da maneira que implementei, foi muito bom, enriqueceu-me bastante sim (...) portanto o plano individual de trabalho, os ficheiros, como lhe disse os ficheiros, que foi algo que eu aprendi com a

formação do MEM e no trabalho de projeto também, também, de modo a poder também implementá-lo na sala. (Alberto Dias, E)

A formação para mim foi muito, muito boa, mudou completamente e fez-me abrir horizontes. (Ana Rita Silva, E)

Por outro lado, houve também professores que consideraram a metodologia do MEM demasiado complexa para a incluir integralmente na sua sala:

É muito importante refletir sobre o que eles sabem, sobre o que eles fazem, só que eu acho que é muito exaustiva a forma como o MEM faz, mas isto é a minha visão. (Ângela Gonçalves, E)

Consegui o PIT, eu tinha alguma resistência, mas consegui. Abriu-me um bocadinho horizontes, só não me agradou muito foi, eu só percebi a estrutura da formação, já tínhamos algumas sessões de formação em que íamos ser avaliados de acordo com a dinâmica do MEM, se implementávamos tudo ou não. Quando digo a dinâmica do MEM é tudo, é o PIT, o trabalho de projeto... Havia ali coisa com que eu não me identificava a 100% as assembleias eu sei que aquilo naquela turma não fazia sentido nenhum... (Ana Gregório, E).

Para Isabel Barata a maior inovação na sua prática decorreu da realização da formação na metodologia do MEM porque considera que passou a fazer diferenciação pedagógica de uma forma muito mais eficaz:

Poder fazer diferenciação pedagógica, chegar ao aluno individualmente. Porque é assim, com 26 alunos, é muito difícil chegar individualmente a cada um deles, não é? Isto com a diferenciação pedagógica, com a parte dos ficheiros, do trabalho de estudo autónomo e o ter tempo para individualmente estarmos com o aluno e vermos as dificuldades e tentarmos ajudar. Isso para mim foi aquilo que este ano realmente... E que eu vi que realmente para o aluno é bom, é muito bom. Eu ter tempo para estar sentada com um ou com dois, eu cheguei a estar sentada com um de cada vez! (Isabel Barata, E)

Todos os professores referem ter incluído ou intensificado o trabalho de projeto nas suas práticas letivas. Alguns docentes sentem-se confiantes para o fazer sem o apoio da formação, ainda que esta possa ser uma ajuda:

Eu acho que ajudou na forma como nós, mais na parte de nos organizarmos, de nós docentes nos organizarmos e principalmente ver esta parte do currículo de cada uma das áreas e como é que nós podemos relacioná-las em cada uma das atividades, estruturar isso, a ajuda dos professores para isso foi importante, conseguimos pegar no currículo e... (Carla Paias, E)

Ana Gregório tentou fazer trabalho de projeto com a sua turma mas não conseguiu e atribui isso às características dos alunos:

Houve uma coisa que eu tenho muita pena de não conseguir fazer quase nada, foi o trabalho de projeto... E eu tentei, até pedi a outra colega para ir lá fazer com eles, pensei “isto sou eu que estou aqui...” e ela disse-me “não dá mesmo, não se consegue”, são demasiado agitados. (Ana Gregório, E)

Pelo seu lado, Catarina Subtil considerou que o trabalho pedido na formação que frequentou não correspondia inteiramente às suas necessidades:

Vou ser muito honesta, eu gostei muito de ir à formação falar, partilhar, apropriar-me daquilo que os outros também pensam, ver aquilo que era suposto fazermos, ver que tenho à minha disposição uma série de caminhos. Mas não era aquilo. Porquê? Porque me era pedido para desenvolver um trabalho de Projeto Mochila Leve, no meu agrupamento, na minha escola com a minha colega ou sozinha e eu pensei que “o meu Projeto Mochila Leve está feito e está apresentado”. (Catarina Subtil, E)

Os docentes referem que este ano letivo ainda não sentiram o apoio necessário para uma boa exploração dos *tablets* em sala de aula, quer por constrangimentos técnicos de definições iniciais, quer pela sua própria falta de conhecimento. Assim, alguns professores solicitam apoio técnico mais frequente:

Eu acho que não é tanto a formação, eu acho que é o apoio técnico nestas pequenas questões porque por exemplo com os Magalhães eu não precisei de... Fomos ajustando mas consegui. Agora esta parte dos *tablets*, das definições, do descarregar as aplicações, do escolher as aplicações adequadas para cada uma das turmas, acho que... (Carla Pais, E)

Distanciou-se completamente dos *tablets*, nós para o próximo ano precisamos de ter uma ligação direta a esta tecnologia, porque, sim, eu sei trabalhar com o meu telemóvel, sei... Mas há tantas aplicações giras e há tantas pessoas que podem partilhar as suas vivências, para não estarmos a cometer os mesmos erros. (Sandra Santos, E)

Todos os docentes salientam que aprenderam com os pares a utilização básica dos *tablets* para que os alunos pudessem fazer pesquisas e usar algumas aplicações de que foram tendo conhecimento, mas reforçam que é de grande importância que no próximo ano letivo exista formação sobre o uso da tecnologia na sala de aula:

Com a formação não senti apoio nenhum com os *tablets* e vou ser sincero, eu não sou... O meu uso dos *tablets* como eu lhe disse foi um uso muito básico, porque eu não manipulo muito bem ainda, daí nós termos em grupo pedido mais formação para este ano a nível dos *tablets*, nós necessitamos, eu necessito bastante também de poder implementar outro tipo de trabalho no *tablet*, eu cingi-me somente à pesquisa, escrita de texto e jogos didáticos que eu consegui com eles desempenhar e fazer alguma coisa, mais não porque eu também não me sentia à vontade de ir além, daí necessitarmos de formação. (Alberto Dias, E)

Era relativamente ao software para o uso dos *tablets* em sala de aula... (Ana Gregório, E)

Formação para os *tablets*, sem dúvida nenhuma. (Isabel Barata, E)

Eu sinto nesta parte dos *tablets*, nestes programas novos que existem, o Kahoot, Mentimeter... Eu acho que é giro para interagir e até no início do ano letivo. O Plickers. Trabalhei com um colega do ano passado, que ele dá este tipo de formações e foi ele que me foi dado assim uma ajudinha, porque senão eu também não chegava lá. E nos *tablets* é isso que eu sinto, no resto eu acho que consigo dominar mais ao menos, mas nas tecnologias, coisas para usar com eles, aplicações... (Ana Rita Silva, E)

Professores mais expeditos na utilização das tecnologias pedem formação em tecnologias diferenciadas e de um nível mais avançado:

Eu sinto, eu queria, apesar de eu achar que até tenho alguma facilidade porque tem a ver com a minha motivação, porque eu gosto da área. Eu desde o início eu acho que era necessária formação, mas era uma formação muito específica que eu acho que é o que falta. É, formação com alguém que já tenha feito... Formação com alguém que já tenha andado no terreno, com *tablets* e com alunos e diga “eu encontrei este obstáculo, eu ultrapassei este obstáculo... eu utilizo esta ferramenta assim porque ajuda a potenciar isto...” (Joana Coerver, E)

Na questão dos *tablets* especificamente, acho que não é tanto a questão de formação sobre como usar os *tablets*, mas mais outras formas que podemos utilizar, integrar os *tablets* nas atividades, ou seja, o que é que eu quero dizer com isto? Não é preparar a atividade do *tablet* mas sim como integrar o *tablet* como ferramenta (Pedro Costa, E)

Para além de formação para a utilização dos *tablets* em sala de aula, os professores referem ainda que sentem necessidade de ter formação em Matemática, para conseguir integrar esta área curricular nos projetos a desenvolver:

A manter acho que é o trabalho de projeto, é para manter, acho que é mesmo uma das... Foi a mais valia deste ano, depois o que eu gostava de mudar era a minha relação aqui com a Matemática e conseguir integrar aqui mais atividades em grupo e que eles possam trocar mais problemas ou eles próprios construir os seus materiais e que eu não consegui este ano, pronto acho que estou a precisar um bocadinho de ajuda nessa área, é a área que eu acho que tenho assim mais lacunas. (Carla Paias, E)

Pretendo manter esta dinâmica de trabalho de projeto, esta dinâmica do trabalho de grupo, tentar encontrar formais mais motivadoras para eles, de introduzir conteúdos, pô-los a eles a descobrir, tentar integrá-los mais nas aprendizagens. O que é que eu pretendo mudar? Tenho que dar uma volta à Matemática e tal como nas outras disciplinas fazer o ensino da Matemática de uma outra forma. (Micaela Gonçalves, E)

Mas os professores também referem interesse por áreas mais abrangentes como a gestão curricular: “preciso de formação em gestão curricular para me apropriar de tudo o que vai saindo e ter a certeza do caminho” (Catarina Subtil, E). Referem ainda as questões ambientais: “noutros temas que são atuais como a questão das mudanças climáticas, dos microplásticos” (Ângela Gonçalves, E).

Os docentes elogiam também o ambiente de proximidade com os formadores e de colaboração e partilha vivido nas oficinas de formação. Contudo, consideram que a duração de um ano letivo para uma oficina de formação é desadequada, sugerindo que as oficinas devem ser mais curtas para poderem usufruir de maior diversidade:

Eu mudava [a formação] porque foi muito longa só no mesmo tema, portanto nós tivemos de outubro a maio com o mesmo tema de formação, eu não faria assim, faria tipo workshops. (Ângela Gonçalves, E)

Considerando todas as alterações na forma de trabalhar em sala de aula, alguns docentes referem também a necessidade de formação para adequar a avaliação a esta nova forma de trabalho:

Exato, como é que nós podemos trabalhar aqui a flexibilidade curricular e avaliar porque eu acho que depois é o mais difícil porque nós não fugimos às fichas de avaliação e se calhar é outro passo não é? O fugir às fichas de avaliação, podermos avaliar de outra forma sem ser com a ficha de avaliação, acho que também poderá ser um dos aspetos a melhorar. (Carla Paias, E)

8 Desenvolvimento profissional dos professores

Os professores são unânimes quanto à oportunidade que o Projeto Mochila Leve lhes deu para aprenderem sobre diferentes aspetos da sua profissão. A grande mudança identificada por todos os professores, trabalhar sem manuais, conjugada com a diversificação de materiais e recursos para a sala de aula e a frequência de diferentes formações foram o motor para as diversas aprendizagens profissionais que relatam.

Nomeadamente, os docentes referem que a maior parte do trabalho desenvolvido em sala de aula passou a ser desenvolvido de acordo com a metodologia de trabalho de projeto:

Depois o que mudou muito foi também a implementação do trabalho de projeto, que era algo que eu já fazia mas não com tanta frequência e com tanto... Digamos, mais peso. Ou seja, o facto de nós termos partido dos conteúdos, pelo menos foi assim que eu trabalhei, partindo de conteúdos mais relacionados com a área de estudo do meio fazia-se a ponte, a interdisciplinaridade nas outras áreas e isso... Sempre partindo de um projeto em que eles de facto se focavam, ou de acordo com os conteúdos ou então com as suas vontades, os seus focos de interesse. (Amélia Almeida, E)

A metodologia de trabalho de projeto trouxe também um novo papel para os alunos e para os professores:

Eles (os alunos) são mais o centro, eu estava ali mais a gerir. (Isabel Barata, E)

Segundo alguns docentes que frequentaram formação neste âmbito, o apoio dos especialistas foi importante para aprenderem a ajustar os projetos inicialmente definidos às reais necessidades dos alunos:

Sim, podemos melhorar. Não estou a dizer que fazia tudo mal, não, mas havia ali algumas questões que precisavam de ser ajustadas, principalmente nesta parte aqui mais formal, o definir as potencialidades, as fragilidades, o priorizar as estratégias, não ter uma tamanha de objetivos e ser assim mais... porque uma pessoa depois sonha, sonha, sonha e não

consegue, então ser assim mais... Sintetizar mais em função daquilo que realmente os nossos alunos precisavam. (Carla Paias, E)

O trabalho em metodologia de projeto permitiu aos professores também a possibilidade de articular as diferentes áreas curriculares de uma forma mais efetiva e eficaz do que anteriormente:

Trabalhamos de forma interdisciplinar e então os temas em todas as áreas estavam relacionados. Se eu ia buscar exercícios, ia procurar, alguns eram inventados por nós, mas muitos não, íamos procurar exercícios e adaptávamos ao tema que estávamos a trabalhar, isso aconteceu em todas as áreas. (Ângela Gonçalves, E)

Houve uma maior abertura da sala de aula a outros espaços e contextos da escola:

Trabalhei mais noutros contextos, por exemplo no recreio, fiz aulas de Matemática, Estudo do Meio, Português no recreio, acho que isso foi uma das mudanças, acho que se calhar foi essa... (Ângela Gonçalves, E)

E ainda uma maior diversificação na organização dos alunos em sala de aula, oferecendo-lhes mais tempo para trabalho colaborativo em sala de aula, seja a pares ou em grupos, para além do trabalho individual:

Esse trabalho todo em grupo e cooperativo entre eles, porque eles também desenvolveram muito a parte do trabalho colaborativo, que não era [comum]... Quer dizer, era, mas [houve] muito mais este ano... não temos dúvida, não havia só aquele trabalho individual, com o livrinho, com a fichinha, cada um por si... Não, era um construir de saberes em conjunto, ou seja, que nos permitiu muito o abraçar tanto as competências das metas curriculares, como também ir de encontro ao perfil que é exigido ao fim do 1.º ciclo, isso foi... Foi positivo. (Amélia Almeida, E)

Esta abertura a novas formas de trabalhar em sala de aula levou ainda a novas aprendizagens sobre a forma como os alunos aprendem:

Eles funcionam muito a pares, no início especialmente nos textos também foi para mim uma aprendizagem porque eu achava que se eles trabalhassem o texto só a pares que era o que eles queriam, era o que eles me pediam, quando fossem a fazer individualmente que se calhar depois não iriam ser capazes ou iriam ter dificuldades, mas enganei-me, eles evoluíram muito a trabalhar uns com os outros. (Ângela Gonçalves, E)

Tanto a ausência de manuais como a formação, proporcionaram oportunidade para os professores pesquisarem, construírem e acederem a novos materiais e recursos para a sala de aula:

Eu sempre gostei de tecnologias mas nunca tinha entrado desta forma na minha sala e portanto, fez com que eu fosse curiosa e fosse à procura e vamos ver isto, vamos ver aquilo, ninguém me ensinou o Kahoot nem o Khan Academy, nem outras aplicações e então o Code, Scratch, programação, eu agora já conheci outras áreas que também são super interessantes e que hoje em dia estão a surgir imenso (...) a parte de ir à procura dos materiais, houve catálogos que eu nunca tinha aberto porque nós não tínhamos orçamento, portanto conheci um mundo de materiais que existe e que eu não conhecia que existiam. Não é que os materiais sejam tudo na sala de aula, não são, mas também são uma parte interessante. (Joana Coerver, E)

O plano individual de trabalho, os ficheiros, como lhe disse os ficheiros, que foi algo que eu aprendi com a formação do MEM e no trabalho de projeto também, também, de modo a poder também implementá-lo na sala. (Alberto Dias, E)

Isso tudo cruzando com o “não livro”, o uso do *tablet*, que também foi uma ferramenta usada ao longo do ano e que também permitiu muito o trabalho de pesquisa e seleção de informação para se poder fazer os projetos. (Amélia Almeida, E)

O apoio e a partilha e a colaboração entre colegas foi determinante para muitos professores, tanto na planificação e na realização de materiais para a sala de aula como para as aprendizagens realizadas nos grupos de formação. Alguns professores relatam que passaram a trabalhar colaborativamente apenas por terem integrado o projeto:

Sim, a forma como planificávamos as aulas é completamente... Aí houve uma grande mudança, nós encontrávamo-nos uma vez por semana, estipulávamos o que íamos trabalhar na semana em todas as áreas, procurando fazer esta articulação, esta interdisciplinaridade e depois a minha colega preparava uma parte e eu preparava outra... Nem estamos na mesma escola, mas encontramos-nos, dividíamos e trabalhávamos muito bem... Isso exige muita pesquisa, muita mesmo, de tudo... E realmente o trabalho colaborativo aqui foi essencial, com uma pessoa só ia ser muito difícil. (Ângela Gonçalves, E)

Houve aqui muita colaboração em conseguirmos adaptar as tarefas a cada um dos meninos com mais necessidades, eu tinha 5 na sala, fora os outros claro... (Carla Paias, E)

Não, dizer que isto não sei constrói sozinho, nós só conseguimos isto porque a equipa que nós temos na escola funciona muito bem... Isto só se consegue assim porque uma pessoa sozinha não consegue, acho que o trabalho colaborativo aqui, aquilo que nós tentamos fazer na sala de aula com os nossos alunos, tê-lo também na equipa de docentes também é muito importante. (Carla Paias, E)

Nunca tinha tido um trabalho colaborativo e que corresse tão bem. Tive a sorte de ter uma colega que trabalhava muito bem e muito... Foi um trabalho muito, muito produtivo com ela. (Ana Gregório, E).

É assim, nós tivemos muito unidas este ano, eu nunca tinha estado tão unida com uma colega... Acho que foi sem dúvida por estarmos no projeto porque o mesmo não aconteceu com os outros colegas, apesar de termos um bom relacionamento entre todos, isto aconteceu... Aliás, até acho que até já me juntou às outras duas colegas que vão ingressar no próximo ano. Portanto, nós tivemos juntas nesta ação de formação e foi aí que eu as conheci e já estabelecemos ali uma relação, foi engraçado. Eu acho que tem muita a ver com o projeto, envolve toda a gente, toda a gente tem que estar no mesmo... (Ana Rita Silva, E)

No entanto, pelo menos em alguns casos, parece que este trabalho colaborativo foi mais intenso no início do projeto e que ao longo do ano letivo se foi diluindo:

O 1.º período conseguimos fazer em conjunto e depois fomos dando liberdade a cada uma para depois ir gerindo na sua sala, mas os primeiros meses foi em conjunto sim. (Carla Paias, E)

No entanto, também existem relatos de docentes que não conseguiram trabalhar colaborativamente e que consideram que isso aconteceu pela falta de tempo em comum para o fazer:

Nós não temos tempo para fazer trabalho colaborativo porque temos horários diferentes que não potenciam este trabalho, tem de ser tudo feito extra. (Catarina Subtil, E)

De uma forma marcante os professores salientam que este primeiro ano do projeto Mochila Leve foi desafiante, muito trabalhoso, mas muito produtivo e que lhes permitiu aprender muito:

Carla Dias: Foi uma aventura muito grande, foi uma aprendizagem da minha parte muito grande, eu no outro dia ouvia alguém que dizia... Alguém que percebe muito destas coisas de educação, e dizia assim “há pessoas que chegam ao pé de mim dizem-me: tenho 20 anos de experiência. E eu respondo “não, não tens, tens 1 ano que repetes todos os anos””, eu fiquei a pensar um bocadinho naquilo e disse “de facto eu também fiz isso”, andei a repetir a mesma coisa durante muitos anos e, portanto, este ano foi de facto um ano que eu fiz coisas completamente diferentes. Foi um ano de grande aprendizagem para mim e acho que foi um grande crescimento profissional para mim.

Marisa: E o que é que espera para o próximo ano? Que expectativas tem para o próximo ano?

Carla: Daqui agora é sempre a subir,...

Marisa: Já nunca mais repete...

Carla Dias: Exatamente, é como eu lhe estava a dizer ainda há bocado, vou continuar a implementar estas coisas mas espero melhorá-las, para não estar sempre a fazer a mesma coisa e ir dando sempre um passo em frente, porque de facto a escola está a mudar. Até ao nível do ME, estes despachos e portarias que vão saindo estão a dar ferramentas à escola para mudar e nós temos que aproveitar isso e não andar a fazer mais do mesmo. (E)

Outra professora refere do seguinte modo o impacto do projeto não só em termos profissionais, mas também pessoais:

Foi abrir horizontes, para mim como pessoa também, mas foi abrir horizontes... Descobri que sou capaz de ir mais além. Agora não sei qual é o limite, estou sempre a conhecê-lo... Eu só quero fazer acontecer. (Ana Gregório, E).

De um modo geral todos os professores manifestam uma grande satisfação e um grande entusiasmo com a experiência vivida no 1.º ano de projeto Mochila Leve. Liberdade foi, sem dúvida, o sentimento mais associado a esta experiência de mudança apoiada pela autarquia e pelas escolas:

Significou liberdade, significou criatividade, significou crescimento profissional, desafio, muito trabalho... Eu acho que nunca trabalhei tanto na minha vida profissional, mas também nunca tive tão realizada. (Ângela Gonçalves, E)

Eu acho que me vai dar oportunidade de poder trabalhar como eu gosto, de poder... Ou pelo menos não me sentir, eu sei que nós não temos obrigatoriedade dos manuais não é?... Mas eu o que é certo é que os pais os comprar não é?... Mas o ter essa liberdade permitiu isso, para mim foi bom trabalhar assim no projeto, mesmo em termos de realização. (Carla Paias, E)

Então é assim, o projeto mochila leve para mim significou o seguinte, eu até uso uns termos, portanto foi um desafio versus inovação versus cumprido, portanto é isso que eu sinto e acima de tudo foi liberdade. Liberdade nas minhas práticas, senti isso, não me senti sufocado como me estava a sentir. (Alberto Dias, E)

Além de leveza, eu senti-me muito motivada, pronto (...) Eu este ano estive muito feliz a dar aulas, talvez também por sentir que os miúdos estavam felizes, vê-los motivados e felizes foi muito bom. (Isabel Barata, E)

Leveza... Nas respostas que eu consigo dar aos meus alunos, naquilo que eu consigo fazer por eles. Aquilo que eu consigo fazer no dia-a-dia para que haja harmonia, entusiasmo... (Catarina Subtil, E)

A liberdade para recriar as suas práticas foi exigente, muito trabalhosa e um desafio para os professores que no final se sentem orgulhosos por terem conseguido sair da sua zona de conforto e superar este desafio:

Foi uma superação para mim enquanto professora, foi um sair da minha zona de conforto, completamente, que nos é muito difícil. Ter sido capaz de sair da minha zona de conforto e partir para uma coisa que eu não conhecia e depois chegar ao fim “afinal sou capaz”, afinal nós somos capazes de fazer tantas coisas e estamos sempre agarradas aquilo que para nós é mais fácil e esquecemo-nos que há outros caminhos e há outras formas de estar (Micaela Gonçalves, E)

Para essa superação terá contado também o entusiasmo e a vontade de mudar com que alguns professores enfrentaram o projeto:

O projeto mochila leve significou entusiasmo sinceramente. Eu não me lembro do dia em que eu disse “sim eu quero participar neste projeto”, eu sabia 0 sobre o projeto... a pessoa tem que estar motivada e significa um entusiasmo que é... (Joana Coerver, E)

Mas também a união e a colaboração que se gerou entre os professores que participaram no projeto, bem como os resultados dos alunos:

A colaboração entre colegas foi essencial, foi o que me ficou e não há dúvida a autonomia das crianças (Raquel Martins, E)

Para outros professores o projeto Mochila Leve foi a oportunidade para a “inovação das práticas de facto para permitir uma certa abertura” (Amélia Almeida, E). No mesmo sentido, para outros professores foi a oportunidade de mudar a escola e ir ao encontro das novas orientações curriculares:

Uma oportunidade ótima para fazer a escola mudar, acho que é mesmo isso. Uma oportunidade para se conseguir fazer e sabemos que se pedirmos e se queremos fazer

assim, vamos conseguir, acho que é isso. Porque fica muito ali por “nós queremos fazer” e depois o resto? Não há suporte, não há base e o Mochila Leve veio trazer esse base e esse suporte, conseguimos fazer e já fizemos! (Pedro Costa, E)

Eu vou enquadrar, é que o projeto mochila leve veio mesmo numa altura em que as próprias políticas do ministério também estavam a mudar, entraram os Decretos-Lei 54 e 55, portanto entraram estas mudanças toda, a portaria dos DAC, dos domínios de autonomia curricular, tudo isto é um bolo onde o Mochila Leve veio cair e encaixar. Ele veio na altura certa porque neste momento um professor que tem em linha de conta o Decreto-Lei 54, Decreto-Lei 55, tem em linha de conta os DAC, e a avaliação como um outro paradigma é um professor que inevitavelmente vai ter que abordar as aulas tipo mochila leve, não tem que ser mochila leve, mas há possibilidade... Trabalho de projeto, outro tipo de abordagem que não a clássica. (Ana Grazina, E)

9 Dificuldades sentidas e sugestões para o futuro

Na voz dos professores participantes, o projeto Mochila Leve é, essencialmente, um caso de sucesso onde é muito gratificante participar. No entanto, o caminho foi também feito de algumas dificuldades. Alguns docentes referem uma grande ansiedade inicial com toda a mudança que o projeto previa nas suas práticas e a responsabilidade que sentem pelo sucesso dos seus alunos:

De um modo geral? De início senti-me muito ansiosa por “será que eu vou ser capaz de todos os dias motivar os meus alunos e ter um trabalho de qualidade para eles ou será que o manual já tinha um trabalho tão bem feito e eu estou a deixar cair aquilo e depois vou fazer pior e não vai resultar?”, essa foi uma dificuldade e um medo que eu tinha, tem a ver um pouco com a minha personalidade de antecipar muitas coisas e não querer que nada corra mal porque eu tinha ali 24 crianças comigo e eu sei bem o peso da responsabilidade e depois inicialmente muita dificuldade... agora para este conteúdo, o que é que eu tenho à minha disposição? O que é que eu posso fazer? O que é que eu consigo construir que seja a melhor ferramenta para eles aprenderem? E depois essas dificuldades... ainda as há, mesmo a questão da matemática, mas foram cada vez menos (Micaela Gonçalves, E)

Nós entramos neste projeto e depois à medida que vamos entrando nele e vamos criando novas dinâmicas e às vezes pensamos “então e se isto não resulta muito bem?” não é? Estamos a trabalhar com crianças, somos responsáveis por elas e pela aprendizagem delas e há sempre aquele receio, então se isto não funciona é sempre um bocadinho... e de facto houve ali alguns momentos na implementação nestas metodologias todas... e depois eu tenho um grupo de alunos muito grande, são 28 alunos, não é fácil trabalhar nesta dinâmica com 28 alunos ... houve ali alguns momentos que eu pensei “isto não anda” eu lembro-me uma vez no fim de uma sessão de trabalho e eu pensei assim “que horror, mas tanto tempo e o trabalho que se conseguiu fazer foi mínimo, eu a este ritmo os miúdos não vão andar para a frente. (Carla Dias, E)

Para Ana Gregório, a maior dificuldade foi mesmo o facto de estarem a fazer algo completamente novo, que só foi possível devido ao grande apoio recebido da direção da escola:

Foi sobretudo estar às escuras, nós tivemos uma direção que foi fantástica, que nos acompanhou muito, que nos permitiu termos vida própria, porque nos deu duas tardes livres para podermos trabalhar no projeto. (Ana Gregório, E).

Apesar de todos terem boas experiências com o trabalho de projeto, alguns docentes referem que, neste primeiro ano ainda não conseguiram integrar todas as áreas de modo satisfatório nesta metodologia, em particular a Matemática:

É uma coisa que eu tenho que fazer mais, haver uma maior articulação dos currículos das diferentes áreas, é uma coisa que eu acho que ainda tenho que melhorar essa articulação curricular, para fazer mais uma interdisciplinaridade, é uma coisa que eu tenho que melhorar ali. (Carla Dias, E)

A área que eu acho que falhou mais, indo ao encontro da sua questão, foi a área da matemática, que nos falou aqui relacionar mais com tudo isto, tentamos aqui através das datas, dos séculos, construimos ainda uma cronologia desde a formação de Portugal até a história atual mas não houve aquele tempo de ligar mesmo os conteúdos, para mim foi a parte mais difícil, que eu acho que agora num próximo ano a continuar seria então a parte a trabalhar porque as outras áreas para mim são relativamente fácil jogar aqui. (Carla Paias, E)

Os professores salientam também dificuldades de gestão de tempo na metodologia de trabalho de projeto:

O meu constrangimento foi em relação ao tempo porque lá está, o trabalhar em projeto requer muito tempo, requer muita orientação e as crianças não têm ainda esta maturidade, como eu disse logo no início, o saber o que é o importante e o acessório e isso requer muito tempo e como também disse, o programa que é extensíssimo chega a uma certa altura que nós pensamos “bem, ainda só estou aqui”, foi ótimo, foi importante termos trabalho isto tudo e então o resto que ainda falta? E é imenso, chegamos a junho e tínhamos assim a matéria de matemática assim para dar e pensamos “então e agora?”, agora é dar isto assim, assim e eu acho que é nesse aspeto que trabalhar em projeto tem este constrangimento, é a minha opinião, foi o meu constrangimento, foi o tempo. (Raquel Martins, E)

Numa vertente mais prática e técnica, os docentes salientam dificuldades relacionadas com o atraso na entrega dos materiais:

Senti, os materiais não chegaram logo, mesmo as obras literárias demoraram algum tempo a chegar, chegaram no fim do 1.º período, esse foi um dos fatores... (Ângela Gonçalves, E)

Mas os professores também referem dificuldades técnicas com configuração dos *tablets*:

Eu acho que não é tanto a formação, eu acho que é o apoio técnico nestas pequenas questões porque por exemplo com os Magalhães eu não precisei de... Fomos ajustando mas consegui. Agora esta parte dos *tablets*, das definições, do descarregar as aplicações, do escolher as aplicações adequadas para cada uma das turmas, acho que... (Carla Paias, E)

É assim, há aspetos se calhar sobre as tecnologias, é assim os *tablets* com mais internet... (Amélia Almeida, E)

Uma professora refere ainda que a ausência de projetor e quadro interativo limitou a utilização da tecnologia, em geral, e do *tablet*, em particular:

Não tive dificuldades, tinha desafios. O meu maior desafio era os *tablets* mesmo. Aproveitando...que eu acho que é muito importante, embora eu goste muito do quadro de ardósia, mas não temos quadro interativo (...) e era importantíssimo para fazer a ponte para o *tablet* (...) Antes do *tablet*, ter lá um quadro interativo, um primeiro impacto de “eu tenho algo tecnológico à minha frente que não é só para fazer um jogo”, que serve para eu ir buscar outra coisa, porque eles próprios podem fazer investigações. Eu acho que isso é um passo importantíssimo. (Sandra Santos, E)

Um grupo de docentes refere ainda a dificuldade em aceder às visitas de estudo, essenciais ao projeto definido, na plataforma Oeiras Educa:

Dificuldades, partindo do pressuposto que nós tínhamos feito um projeto assente nas visitas delineadas e pensadas que pudéssemos partir do tema aglutinador e depois com subtemas e serem, digamos, exequíveis e facilitador das aprendizagens para fazer essa ponte para os conteúdos... isso foi...foi aquele que nos fez pensar e dar ali um bocadinho a volta à situação. Não fizemos as visitas de estudo, fizemos outras... guardamos aquelas que eram possíveis. E esse foi de facto o grande constrangimento. (Amélia Almeida, E)

Com base nas suas dificuldades e experiências vividas ao longo deste ano letivo, os docentes foram convidados a fazer algumas sugestões que pudessem ajudar o projeto a melhorar nos anos seguintes. Considerando a dificuldade que teve em ter um tempo comum para trabalhar com a colega que lecionava um ano diferente e que, por isso, tinha um horário completamente diferente do seu, Isabel Barata sugere a possibilidade de juntar todos os colegas da escola ao projeto:

Posso dizer que foi um dos anos mais trabalhosos, talvez por só estarmos duas [professoras] no projeto, talvez se fosse a escola toda, fosse mais fácil. Somos de anos diferentes, uma do 2.º e outra do 3.º ano, com horários diferentes. (Isabel Barata, E).

Um dos docentes manifesta algum receio com o grande crescimento que o projeto vai ter no próximo ano e alerta a CMO para as possíveis más interpretações do projeto por parte de colegas que vão integrar o projeto de novo:

Eu já tive oportunidade de dizer isso, tenho receio que, até agora há muito o conceito de mochila leve = *tablet*, pronto está completamente errada, essa questão acho que está a ser derrubada aos poucos, mas tenho receio que agora deixe de ser os *tablets* e passe a ser materiais, que é “ah vou aderir ao Mochila Leve porque eles dão materiais”, dão livros e porque dão ábacos e não sei quê... Isso pode ser problemático. (Pedro Costa, E)

A sugestão de melhoria mais apresentada pelos docentes é o aumento da partilha entre os docentes do projeto. Quer seja através da dinamização da plataforma Moodle, inicialmente prevista, quer seja através de momentos de partilha de experiências, que

podem servir para apoiar as práticas diárias dos docentes através da disponibilização de recursos, mas também para combater as possíveis más interpretações do projeto:

Não sei, nós vamos ter um momento que vamos mostrar o nosso trabalho não é? Eu acho que sim porque senão também era outra, porque nós tivemos este trabalho e podemos partilhá-lo, não é? Podemos partilhá-lo e aprender com outras experiências, porque esta foi a nossa, mas há tantas não é? (Carla Paias, E)

Eu não sei se isto é possível porque repare, nós professores também temos um horário que se calhar é difícil também conjugar estas nossas disponibilidades porque nós temos tanta coisa, especialmente quem tem cargos para além da turma, eu acho que devia de haver um banco de recursos que fosse comum e a ideia inicial até acho que era essa, ser construído um banco de recursos. (Micaela Gonçalves, E)

É importantíssimo que quem já passou no projeto partilhe, haja uma forma de partilhar com quem está reticente em integrar o projeto e de como fazer e como é que correu. (Pedro Costa, E)

Precisamos de mais momentos de partilha das coisas. (Sandra Santos, E)

A partilha! Teria sido muito bom que nós, colegas que estavam no Mochila Leve, tivéssemos reuniões de partilha, seja de ficheiros, opiniões, maneiras de fazer... Não houve assim tantas... (Isabel Barata, E)

Uma das docentes responsáveis pela dinamização do Moodle sente que esta plataforma já está em desuso, que exige muito trabalho e que isso sobrecarrega muito um professor no ativo, mas também que os restantes colegas não interagiram consigo tanto quanto desejava:

Havia a dinamização de uma plataforma Moodle, iniciou-se em setembro, para a qual eu até fui convidada para administrar, criar divisórias, inscrever os professores, potenciar o trabalho na plataforma. Mas, o que é que acontece? É que a plataforma Moodle vive da participação de todos e a plataforma Moodle, na minha opinião, está *démodé*! Porque aquilo que eu faço com um clique, no Moodle faço com 20, com muita limitação de espaço. Eu já dinamizei muita plataforma Moodle e a frustração de chegarmos ao fim e ficarmos sem nada é muito grande... Hoje já está mais fácil. Mas vive desta dinâmica e como esta dinâmica não foi suportada, nem sequer por um “Eh pá, não está a funcionar?” Não foi potenciada e também foi calmamente aguardada por uma chaminha, pronto! (Catarina Subtil, E)

Considerando também que a partilha entre colegas é importante, Catarina sugere que seja dinamizada por alguém com mais disponibilidade:

Sim, tem de ser dinamizada por alguém que mande, traga, faça, alguém que não seja sobrecarregado no seu trabalho, mas possa potenciar o trabalho dos outros. Porque a partilha entre nós, docentes que aderimos ao projeto, é essencial e não foi o suficiente, na minha opinião. (Catarina Subtil, E)

Um dos docentes sugere que a formação pode também ser um veículo para essa partilha entre docentes:

Sim, eu tenho uma proposta, por acaso escrevi na reflexão sobre a formação, que é um bocado... tem um bocado a ver com a forma como vocês fizeram a formação este ano, mas que é uma pequena alteração, que é passar a ser um círculo de estudo, há uns anos valentes atrás integrei um grupo de círculo de estudos e foi muito proveitoso, que tem a ver exatamente com isso, eu que já sei dominar, a questão do domínio da técnica... partilhar isso com os colegas, eu próprio dizer a eles como é que se faz, ou seja, haver mesmo partilha no grupo, daí a designação círculo de estudos (Pedro Costa, E)

Outra docente sugere o apoio mais regular de um docente de TIC:

TIC também! Ah se tivéssemos um professor de TIC com mais regularidade, em trabalho de coadjuvação era fantástico, mas isto também joga com as quotas e com os horas atribuídas. (Ana Grazina, E)

Um grupo de docentes que ficou insatisfeito com a “proibição” de utilização dos manuais escolares, sugere que nos próximos anos os manuais sejam integrados no projeto como mais um recurso, a par dos restantes:

Aspetos a melhorar, essa parte dos *tablets*, o que posso dizer mais? Talvez a liberdade de nós podermos usar também diferentes manuais como recurso a ficheiros por exemplo, porque foi-nos mesmo limitado o acesso a manuais, “não trabalham com manual escolar” e se calhar há situações em que um aluno que por acaso até é mais despachado o poderia usar como recurso, o professor também pode ter essa liberdade. (Carla Paias, E)

Eu acho que não, aquilo que eu quero dizer é o suporte para eles terem em casa para estudar, ou seja, nós tivemos que substituir um bocadinho, digamos assim, os manuais... Com esse trabalho, principalmente a Estudo do Meio. Eu gosto imenso do projeto e identifico-me e gostei, mas acho que a Estudo do Meio devia rever-se essa situação, porque é muita matéria. A História de Portugal, os miúdos pesquisarem sozinhos, produzirem sozinhos, isso demora horas e eu vi por mim e com a minha colega que nós tivemos... Porque se não como é que eles vão estudar? Em casa como é que eles conseguem fazer esse estudo, não é? E eu dei por mim a gastar muitas horas, eu trabalhava na hora de almoço, eu trabalhava quando vinha para casa, trabalhava aos fins de semana, verdade... E nós sentimos necessidade de ir buscar muitas coisas aos manuais. (Ana Rita Silva, E).

Ainda como recomendação para o futuro, os professores apresentaram as suas necessidades de formação. Considerando as dificuldades que todos os docentes sentiram com a integração dos *tablets* nas suas salas de aula, a formação em TIC foi a mais solicitada. No entanto, chamam à atenção para a necessidade de adaptar essa formação às suas necessidades e às suas práticas:

Sim porque eu acho que o *tablet* pode ter muito mais potencial, para além da escrita de texto e pesquisa que foi muito o que eu fiz, escrita de texto, pesquisa de imagem, pesquisa de informação, eu acho que o *tablet* pode ter mais recursos que eu não conheço e que eu acho que era importante (Ângela Gonçalves, E)

Também, mas uma coisa que fosse mesmo para me ensinar na minha prática, porque repare eu já fiz muita coisa em Word, em Excel...e na verdade não sei trabalhar nada em Excel, não aprendi nada. Eu queria qualquer coisa que me ensinasse a pesquisar, coisas para trabalhar com os meus alunos e como é que se potenciam estas coisas todas, um

banco de recursos, não sei... para a minha prática, não tanto para o meu conhecimento pessoal de como é que se trabalha com esta ferramenta... mais utilização didática das tecnologias (Micaela Gonçalves, E)

Agora acho que tem que ser formação direcionada realmente para o que as pessoas precisam. Na questão dos *tablets* especificamente, acho que não é tanto a questão de formação sobre como usar os *tablets*, mas mais outras formas que podemos utilizar, integrar os *tablets* nas atividades, ou seja, o que é que eu quero dizer com isto? Não é preparar a atividade do *tablet* mas sim como integrar o *tablet* como ferramenta. (Pedro Costa, E)

Apesar de todos terem posto em prática a metodologia de trabalho de projeto, alguns docentes que não usufruíram de formação nesse âmbito, manifestam vontade de vir a frequentar no próximo ano letivo:

Sim, metodologia de trabalho de projeto! (Pedro Costa, E)

Se calhar também metodologia de projeto, também seria algo [a aprofundar]... (Joana Coerver, E)

Trabalho de projeto, sei que houve este ano mas foi uma coisa muito grande... Se calhar não tão grande, mas umas formações assim mais pequenas sobre o trabalho de projeto, acho que é importante também, mais nesse sentido (Amélia Almeida, E)

Uma das professoras que participou no projeto sugere que os formadores e os colegas possam ir à sala de aula observar diretamente o trabalho que desenvolvem com os seus alunos:

O que nós poderemos melhorar é trazer isso mais para a sala de aula, ou mesmo observarem... Eu adoro ser observada, adoro que as pessoas venham para a minha sala porque no final eu pergunto, o que é que tu farias de maneira diferente? (Sandra Santos, E)

Alguns docentes salientam também a necessidade de apoio para integrar as várias áreas curriculares e em particular a Matemática, na modalidade de trabalho de projeto.

Por fim, duas docentes solicitaram ainda formação na área das Expressões:

As Expressões, Expressões só transversalmente, interdisciplinaridade e também como trabalhar a transdisciplinaridade, ou seja, partir do mundo das crianças para a... (Ana Grazina, E)

Raquel: Trabalhar na área das Expressões. [Marisa: alguma em particular?] Todas, acho que tenho alguma falha nesse aspeto e, portanto, gostaria muito de fazer uma formação virada para as Expressões, nessa área. (E)

Conclusão

De um modo global, os professores participantes no Projeto Mochila Leve mostraram grande satisfação e entusiasmo com a experiência que tiveram neste primeiro ano, considerando o projeto muito bem-sucedido. São numerosos os docentes que referem ter vivido uma experiência profissional muitíssimo rica e gratificante. Os professores interpretaram o projeto como constituindo um convite para colocar em prática metodologias de trabalho inovadoras, essencialmente associadas ao trabalho de projeto, diversificando os recursos de trabalho com os alunos. Deste modo, identificaram-se fortemente com os objetivos gerais do projeto. Para os docentes que faziam um uso muito intensivo de manuais com os seus alunos, este projeto representou uma oportunidade de mudança de prática que foi largamente aproveitada. Para os docentes que não utilizavam tanto os manuais, o projeto trouxe uma confiança e uma legitimidade acrescida em relação à sua prática letiva.

Dada a reduzida dimensão do projeto neste ano de arranque, com apenas 40 professores, todos se sentiram ouvidos, acompanhados e as suas necessidades foram, quase sempre, prontamente atendidas, tanto pela CMO como pelas direções das escolas e agrupamentos, o que lhes proporcionou um grande sentimento de apoio e confiança. Este aspeto parece ter sido determinante para o sucesso do primeiro ano e alguns docentes manifestaram alguma preocupação com o alargamento previsto para o próximo ano letivo. Assim, no alargamento do projeto será de considerar tanto o apoio pessoal e técnico que a CMO terá de disponibilizar aos novos docentes, como aos docentes que vão continuar, bem como garantir que o projeto não fica principalmente associado à “obtenção” de materiais e recursos, como *tablets*.

Considerando os resultados apresentados no ponto “Perceções dos professores sobre os objetivos do projeto”, neste alargamento, será de grande importância que tanto os docentes de continuidade como os novos docentes, compreendam e apreendam de modo mais consistente todos os objetivos do objeto de modo a que sejam considerados de antemão na preparação dos projetos e não uma feliz consequência no final do trabalho. Só considerando todos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento considerados, em particular para os alunos, é que se pode garantir que ao longo do ano são todos esses objetivos devidamente trabalhados.

Apesar de não irem ao encontro da formulação exata de todos os objetivos específicos do projeto para a aprendizagem dos alunos, os professores salientam um impacto positivo do projeto na aprendizagem dos alunos. Em particular destacam o desenvolvimento da autonomia dos alunos, a capacidade para reconhecer a existência de conhecimento numa maior diversidade de fontes, o aumento da motivação e gosto por aprender e a capacidade para comunicar e para interagir socialmente com os seus pares. A par de uma apresentação mais explícita dos objetivos do projeto, sugerimos também que estes sejam formulados de modo mais preciso para que os professores possam compreender que são objetivos a atingir e que, em cada ano letivo, deve refletir-se sobre o modo como cada um foi ou não atingido.

Segundo os professores, a credibilidade da CMO e o apoio dados pelas direções das escolas e agrupamentos foi importante para que os encarregados de educação, que inicialmente ficaram ansiosos, aceitassem as alterações provocadas pelo Projeto Mochila Leve. Ao longo do ano letivo as ansiedades que se manifestaram foram ultrapassadas com um trabalho de grande proximidade com os encarregados de educação, sendo o caderno diário era o meio de comunicação privilegiado entre a casa e a escola. Os resultados positivos na aprendizagem e no envolvimento dos seus educandos com a escola fez com que, no final do ano letivo, os encarregados de educação dessem um feedback muito positivo sobre o projeto e, em alguns casos, pedissem aos docentes continuassem no próximo ano letivo.

Todos os docentes valorizaram a formação que frequentaram, essencialmente, pela sua forte ligação com a prática, pelo ambiente de colaboração vivido nas sessões de trabalho e pelos momentos proporcionados de reflexão aprofundada sobre a prática. No entanto, vários docentes consideraram que o tempo de formação foi demasiado longo pedindo que no próximo ano sejam oferecidos workshops ou modalidades de formação de menor duração. No entanto, será importante considerar de modo cuidadoso os efeitos pouco efetivos de ações de muito curta duração e de natureza superficial, lembrando que deve existir tempo e espaço para que os professores possam, efetivamente, experimentar e refletir sobre novas práticas em sala de aula de modo acompanhado, algo que muitos docentes valorizaram este ano letivo.

A mudança de práticas mais referida pelos docentes foi a não utilização dos manuais escolares. Todos os docentes valorizam a diversificação dos materiais e recursos e, muito

em especial, o acesso que a CMO lhes permitiu a novos materiais em quantidade suficiente para serem, efetivamente, usados por todos os alunos em sala de aula. Ainda assim, alguns docentes assumiram ter recorrido ao manual em situações pontuais e perfeitamente identificadas. Apesar de a maior parte considerar que é uma boa ideia manter a sua prática sem manuais, vários professores consideram que a “proibição” é desnecessária e que os manuais escolares podem ser mais um recurso a que os professores podem aceder, naturalmente, sem ser o único recurso a usar. Ainda que todos tenham compreendido os pressupostos do projeto, um bom conhecimento dos objetivos do projeto poderá ajudar a que compreendam, por exemplo, porquê desvalorizar o manual escolar, permitindo uma reflexão sobre o papel deste recurso sem ser necessária nem desejável a sua “proibição” por parte da CMO. De salientar, ainda, no campo da mudança das práticas, o modo como os professores passaram a realizar o seu trabalho de planificação, programando projetos, organizando as atividades para períodos mais alargados (frequentemente semanais), suscitando a participação dos alunos, e trabalhando muitas vezes colaborativamente.

De um modo muito positivo, os docentes referem ter alterado os modos de trabalho dentro das suas salas de aula. Todos os docentes referem ter incluído na sua prática a metodologia de trabalho de projeto, mesmo os que não frequentaram formação nessa área. Considerando os recursos a que passaram a ter acesso, referem que conseguiram aumentar muito o número de projetos realizados. No entanto, verifica-se que vários professores manifestaram dificuldade em integrar todas as áreas curriculares nesta modalidade de trabalho, em particular a Matemática. Um ou outro refere dificuldades em trabalhar segundo esta metodologia dadas as características dos seus alunos. Alguns professores referem mesmo a necessidade de formação neste aspeto em particular. Deste modo, recomendamos que no próximo ano letivo continue a ser oferecida formação aos docentes no âmbito da metodologia de trabalho de projeto, considerando em particular a forma de integração de todas as áreas curriculares, com especial destaque para o trabalho com a Matemática.

A colaboração entre docentes foi por estes muito valorizada, embora, por vezes, se deparando com um ou outro obstáculo. É necessário que continue a ser dada especial atenção a esta vertente do projeto. Nomeadamente, recomendamos que sejam tomadas medidas para que possam ser assegurados horários de trabalho comum para os docentes

do projeto. Muitos docentes referem que este trabalho colaborativo era realizado fora do seu horário de trabalho e que acabou por se ir diluindo ao longo do ano letivo.

Os professores são unânimes a sugerir que exista uma forma mais efetiva para a partilha de materiais e experiências. Lamentaram que a plataforma Moodle não tivesse tido o dinamismo e papel que esperavam no início e que podia ter sido um importante apoio ao longo do ano letivo. Chamam também a atenção para a importância que a partilha de experiências pode ter na integração dos docentes que vão incluir o projeto no próximo ano letivo. Tendo em conta as perspetivas dos professores, recomendamos que seja proporcionada uma efetiva oportunidade para que os professores partilhem os recursos produzidos e as experiências que vão desenvolvendo com os seus colegas e alunos ao longo do ano letivo. Para além do Encontro de Educação de Oeiras, podem ser consideradas as seguintes hipóteses: (i) dinamização efetiva da plataforma Moodle, já iniciada ou de pastas partilhadas armazenadas numa *cloud* com espaço ilimitado; (ii) reuniões regulares entre professores de diferentes escolas, onde possam partilhar, de modo efetivo, as suas experiências, o que significa que estas reuniões devem ser realizadas com um número reduzido de participantes; (iii) organização de um dia de partilha de experiências Mochila Leve no final de cada período – neste dia podem ser organizados workshops e momentos de apresentação de experiências de professores que se voluntariam para partilhar o seu trabalho; e (iv) atribuição de responsabilidade de promover a partilha e trocas de experiências a certos professores.

A maior parte dos professores não domina a utilização dos *tablets* para o ensino no 1.º ciclo. Todos os professores consideram que precisam de formação específica para esta área, sendo que para além dos aspetos didáticos e do software que não dominam, alguns solicitam também formação em aspetos técnicos para evitarem a dependência de técnicos que, muitas vezes, não existem nas escolas. Nas entrevistas realizadas foi possível verificar que os docentes têm níveis muito diferentes de conhecimento e proficiência na utilização dos *tablets*. Sugerimos que seja feito um levantamento das reais necessidades dos docentes e elaborado um plano de formação com níveis diferenciados para corresponder da melhor forma possível às suas reais necessidades.

Em síntese, o primeiro ano de atividade do Projeto Mochila Leve assistiu ao desencadear de um promissor processo de inovação pedagógica nas escolas do 1.º ciclo do Município de Oeiras. Os problemas assinalados são perfeitamente naturais num projeto desta

natureza, e podem, certamente, ser ultrapassados em anos futuros. O maior desafio, será, porventura, com a continuação e o alargamento do projeto, conseguir preservar as suas características, de modo a proporcionar, efetivamente, resultados substanciais nas aprendizagens dos alunos.

Anexo 1 Guião da entrevista aos técnicos da CMO

1. Qual a documentação existente sobre o Projeto Mochila Leve?
2. Objetivos do Projeto?
 - Quais são os objetivos? (isso está escrito em algum documento?)
 - Para quanto tempo está previsto o projeto?
 - O projeto tem um plano de atividades e um orçamento global?
3. Quais as estratégias usadas para atingir os objetivos
 - Quais foram essas estratégias?
 - Por que razão existe tão pouca informação on-line sobre o projeto?
4. Meios mobilizados para o projeto
5. “Filosofia” do projeto
 - O que se quer dizer exatamente com “Mochila Leve”?
 - Qual a posição do projeto em relação aos manuais digitais?
 - E em relação aos manuais em papel?
6. Monitorização feita pela CMO
 - Reuniões com professores participantes... Quais as principais perceções que emergiram dessas reuniões?
7. Alterações pensadas para o projeto para 2019-2020 e seus fundamentos
 - Alterações nos objetivos?
 - Alterações nas estratégias?
 - Alterações nos meios a mobilizar?

Anexo 2 Guião da entrevista aos professores

Prática

1. Lembra-se da apresentação inicial que lhe fizeram do projeto? Quais eram os objetivos do projeto? Quais os objetivos do projeto que o levaram a querer participar?
2. Que alterações identifica na sua prática letiva deste ano em relação a anos anteriores, provocadas pelo projeto Mochila Leve?
3. Descreva algumas atividades que faz com frequência com os seus alunos em Língua Portuguesa. Que materiais os alunos usam para realizar essas atividades?
4. Descreva algumas atividades que faz com frequência com os seus alunos em Matemática. Que materiais os alunos usam para realizar essas atividades?
5. Descreva algumas atividades que faz com frequência com os seus alunos em Estudo do Meio. Que materiais os alunos usam para realizar essas atividades?
6. Os seus alunos costumam trabalhar em projetos? Dê um exemplo de um projeto.
7. O projeto Mochila Leve tem por base a ideia de não se usarem manuais escolares no processo de ensino-aprendizagem. Que materiais didáticos para o aluno (para além dos *tablets*) substituem os manuais nas diferentes áreas curriculares (Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio)? Que materiais solicitou à câmara? Qual a utilização que fez desses recursos?
8. Quando é que os *tablets* ficaram disponíveis para a sua turma?
9. Usa os *tablets* na sala de aula com que frequência?
10. Quando usava os *tablets* na sua turma como fazia? Quantos *tablets* eram usados? Eram para uso individual dos alunos, aos pares, ou em pequeno grupo? Que tipo de atividades eram feitas com os *tablets* e em que áreas disciplinares?
11. Os alunos usavam os *tablets* para fazerem consultas na Internet?
12. Usa o projetor/quadro interativo na sala de aula? Com que frequência?
13. Faz “fichas de trabalho” para os alunos? Qual o seu formato/suporte?
14. Organiza outros materiais para os alunos? Quais?
15. Quais os mecanismos que usa para o processo de sistematização de conhecimentos para os alunos que habitualmente é feito pelos manuais?

16. Ao fim da experiência deste ano letivo, parece-lhe boa ideia que os seus alunos não usem os manuais em papel? E parece-lhe boa ideia que não usem manuais digitais?
17. Que alterações identifica nas aprendizagens e envolvimento dos alunos, decorrentes das alterações provocadas pelo projeto?
18. Daquilo que teve oportunidade para ver e experimentar no âmbito do projeto Mochila Leve, o que pretende manter e o que pretende alterar no próximo ano?

Formação

1. Sente-se competente no uso do *tablet* em sala de aula? Há coisas que gostaria de aprender? Quais?
2. O que já sabia anteriormente relativamente ao uso de TIC como ferramenta para o ensino e o que aprendeu este ano?
3. A formação que recebeu este ano que benefícios proporcionou para o seu trabalho como professor?
4. Na sua perspetiva qual foi o ponto mais forte dessa formação?
5. O que gostaria de aprender na formação que irá ter no próximo ano?
6. Em relação à dinâmica da formação, o que gostaria que fosse diferente no próximo ano?
7. Na sua prática profissional e considerando as várias vertentes do projeto, em que áreas sente necessidade de formação?

Aspetos Gerais

1. O que foi/significou para si, neste ano letivo, o projeto Mochila Leve?
2. Considerando a reunião de balanço, qual a sua natureza e papel no desenvolvimento do projeto?
3. E as indicações de que já dispõe para o trabalho a desenvolver no próximo ano letivo, que expectativas tem para o futuro deste projeto?

Anexo 3 Entrevistas realizadas

Data da Entrevista	Nome do Professor	Agrupamento de Escolas	Escola	N.º alunos	Ano de Escolaridade	Formação frequentada
8 jul 2019	Joana Catarina Amaro Coerver	AE PAÇO DE ARCOS	EBI JOAQUIM DE BARROS	26	4.º	IE
16 jul 2019	Alberto Alexandre da Silva Sousa Dias	AE SÃO BRUNO	EBI S. BRUNO	22	4.º	ESE / MEM
16 jul 2019	Pedro Luís da Silva Costa	AE PAÇO DE ARCOS	EBI JOAQUIM DE BARROS	22	1.º	IE
16 jul 2019	Ângela Lopes Gonçalves	AE LINDA-A-VELHA / QUEIJAS	EBI/JI CESARIO VERDE	21	3.º	MEM
16 jul 2019	Carla Filipa Martins Paias	AE CARNAXIDE	EB1 ANTERO BASALISA	25	3.º	ESSE
17 jul 2019	Sandra Santos	AE CARNAXIDE	EB1/JI AMÉLIA VIEIRA LUIS	26	1.º	ESE
17 jul 2019	Micaela Isabel Santos Silva Gonçalves	AE CARNAXIDE	EB1 ANTERO BASALISA	23	4.º	ESE
17 jul 2019	Isabel Cristina Garcia Baltazar Barata	AE AQUILINO RIBEIRO	EB1/JI PORTO SALVO	26	2.º	ESE / MEM
17 jul 2019	Raquel Yara Gonçalves Martins	AE MIRAFLORES	EBI MIRAFLORES	26	4.º	MEM
17 jul 2019	Ana Luísa Maruta Grazina	AE MIRAFLORES	EBI MIRAFLORES	26	4.º	MEM
17 jul 2019	Amélia Maria Amaral de Almeida	AE MIRAFLORES	EBI MIRAFLORES	26	4.º	MEM
19 jul 2019	Catarina Castro Campos Brito Subtil	AE AQUILINO RIBEIRO	EB1/JI PORTO SALVO	27	4.º	ESE
19 jul 2019	Carla Maria Guerreiro Amaral Dias	AE SÃO BRUNO	EBI S. BRUNO	27	3.º	IE
19 jul 2019	Ana Paula Ferreira Gregório	AE SANTA CATARINA	EB ARMANDO GUERREIRO	25	4.º	MEM
19 jul 2019	Ana Rita Silva	AE SANTA CATARINA	EB ARMANDO GUERREIRO	27	4.º	MEM